

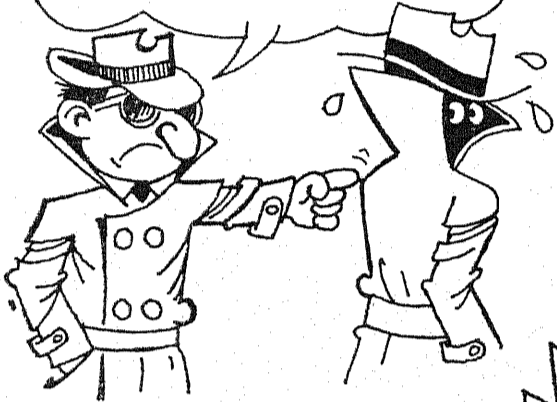
ACADEMICO

jornal catarinense de cultura

ANO III • Nº. 33 * MAIO DE 1978 BLUMENAU - SC • Cr\$ 5,00

ENXADRISTAS PROTESTAM CONTRA O ESTADO

NOSSO DEVER
É DENUNCIAR
AS FRAUDES!

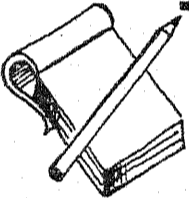


MONUMENTO AO
FILHO DA MÃE.



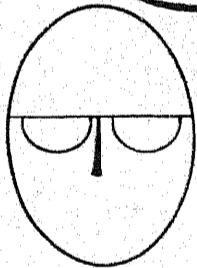
UNIVERSIDADEIAS
UM PROGRAMA
DO DCE
NA BLU.

I ENCONTRO
CATARINENSE
DE IMPRENSA
ALTERNATIVA

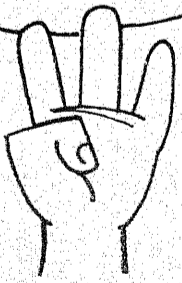


14

FURB,
A HISTÓRIA
EM NÚMEROS.



III CONCURSO DE CONTOS.



O
Estado para
o povo

O TRAPÉZIO
POÉTICO DE
Pedro Garcia

Marx em Blumenau...

...e
PERICLES
também.



LUIZ CÉ

XXXIV Jogos Universitários Catarinenses

Dos dias 29 de abril a 01 de maio passados, aconteceram em Florianópolis, os XXXIV JUCS (Jogos Universitários de Santa Catarina). Participaram do evento, onze fundações. A FURB, participou em 14 modalidades, conseguindo 12 troféus, 130 medalhas entre os quais, cinco primeiros lugares, quatro segundos lugares e tres terceiros lugares.

Conseguiu primeiros lugares nas seguintes modalidades: Handebol feminino, Tênis de campo feminino, Voleibol masculino e feminino.

OS VIRA-LATAS

Liderados por Carlos Jardim, existe uma turma de jovens entre os quais, alguns universitários estudantes de Educação Artística, que estão fazendo uma verdadeira zoeira em termos de divulgação de trabalho.

Com o objetivo de levar arte e alegria para quem as tem de menos ou nem sequer oportunidade de conhecê-las, o grupo tem levado sua arte através de Santa Catarina.

A escalada já percorreu municípios do interior como Sombrio, Meleiro, Araranguá, Içara, Criciúma, Urussanga, Laguna e Tubarão.

Eles percorrem as escolas municipais apresentando jogos, mágicas, e brincadeiras de rodas, motivando as crianças assim, a irem ao teatro. E o teatro como diz o Jardim, já foi apresentado até a adultos, que ainda não haviam conhecido espetáculos do gênero.

ACADÊMICO
EXPEDIENTE
Caixa Postal 1124
89.100 - Blumenau - SC
Diretor e Redator
Responsável
OLDEMAR OLSEN JR.
REDADORES
Maria O. Onório Olser.
Oldemar Olsen Jr.
Roberto Diniz Saut
Fred Richter
Domingos S. Nunes

COLABORARAM
NESSA EDIÇÃO
Celso Vicenzi
Gervásio Tessaleno Luz
Prof. Augusto S. Proedoei
José Endoença Martins
Wilson Carvalho
Alexandre Hackbart
Benjamin Farias
Gerônimo A. Nobre
Alceu Natal Longo
Dianari M. Branquinho

Acadêmico de aniversário

Dia 6 de junho o Jornal Acadêmico fará um ano de existência. Para que o feito não passe em brancas nuvens, foi convidado o crítico gaúcho e prof. Antônio Hohlfeld para falar sobre os autores catarinenses, isso no dia 5 de junho; também o ficcionista Salim Miguel e o poeta catarinense Marcos Konder Reis.

O Jornal realizará, paralelamente, uma exposição com todos os números já lançados (desde 1975) no hall de entrada da FURB.

TODOS ESTÃO CONVIDADOS

UM PROGRAMA DO DCE NA BLU

O Diretório Central dos Estudantes de Blumenau leva ao ar semanalmente um programa cultural... Fala-se de música, artes plásticas, cinema, educação, bolachas, de quem faz, de quem critica e também, dos que estão aí...

Todos os domingos a partir das 14 horas. Qualquer DICA deve ser encaminhada ao DCE, Rua Antônio da Veiga, 140 — CP 1124 — Blumenau — SC.

Péricles esteve em Blumenau

Esteve em Blumenau o poeta e ficcionista Péricles Prado. Autor de inúmeras obras, de poesia, contos, ensaios até mesmo no campo jurídico; Péricles, na oportunidade descerrou a placa que denomina oficialmente a Biblioteca Central da FURB como: Biblioteca Central prof. Martinho Cardoso da Veiga.

Também, na oportunidade, Péricles concedeu uma importante entrevista ao Jornal Acadêmico (que será mostrada ao público na edição de junho).



toalhas

ARTEX

A MODA EM TOALHA — Blumenau - Santa Catarina

CORREIO DO POVO

LEIA ASSINE DIVULGUE

FOLHA DA MANHÃ

LEIA ASSINE DIVULGUE

Folha da Tarde

JORNAL DE LETRAS
EDF. RAIMUNDO CORRÊA
RUA BARATA RIBEIRO, 774 — 10º. ANDAR — SALA 1001
RIO DE JANEIRO — RJ

COMUNICADO
As matérias inseridas neste jornal podem ser reproduzidas no todo ou em partes, desde que citada a fonte.

ASSINATURAS R\$ 60,00 anuais
JORNAL "O ACADÊMICO"
C.P. 1124 — 89.100 — Blumenau — Santa Catarina

Nome

Rua Nº

CEP

Cidade .. Estado

EDITORIAL

Nosso dever é denunciar as fraudes



JORNALISMO CULTURAL E IMPRENSA ALTERNATIVA

Palavras proferidas no decorrer do Iº Encontro de Imprensa Alternativa em Brusque (SC.)

A imprensa alternativa nasceu da necessidade de se opor ao pensar oficializado. Os veículos de massa, a grande imprensa vem firmando o seu

estilo, fundamentando-se em matérias ricamente ilustradas e demasiadamente ilustradas; uma linguagem fácil que dá ao jornalista e aos redatores uma "tranquilidade de consciência" e aos seus donos, uma evidente vantagem: o seu produto é facilmente colocável, porque facilmente digerível.

Nenhum sistema de pensar (e conseqüentemente de agir) se questiona, senão pressionado por condições externas. Discutir a própria linguagem é uma necessidade. Os mitos, os clichês; levantar assuntos entre as formas de linguagem e o exercício do poder. Questionar o Jornalismo preponderante de hoje, qual seja:

— Eliminação da faculdade de questionar.

— A imposição por afirmações categóricas.

— A sedução por frases rissonhas.

Esses artifícios todos constituem-se no que se convencio-

nou chamar de uma forma privilegiada de exercício do poder.

O próprio de um tratamento não consumista é questionar idéias e valores há muito asentados, romper com as áreas intactas onde se depositam certas "verdades". Por isso é que devemos criar uma linguagem própria, contestar o Jornalismo como um meio neutro de divulgação; contestar o jornalismo como um veículo de simples mediação entre o real e o anônimo público de não especialistas. Devemos usar a linguagem da imprensa como meio de divulgação e não como uma forma, ainda que insipiente, de Produção e difusão do saber.

Num tempo de crise não existe lugar para romantismo. Há que se suprimir as estórias para se denunciar as fraudes... As divagações particulares vivem longe de nossa realidade... As experiências pessoais são válidas na

medida em que transmitem uma situação que está ocorrendo para que outros possam identificarem-se com esses fatores e sentirem o problema. Fora disso, acredito não haver lugar para o jornalismo. Daí a força do novo jornalismo, um jornalismo de denúncia. A denúncia depende invariavelmente da consciência de quem denuncia. O que deve ser exposto como realidade nossa é o menor abandonado, o baixo salário, a fome, o boicote cultural, a liberdade de escrita... Daí a inutilidade de se gastar espaço em jornal falando de quem está bem... Toda e qualquer forma de jornalismo, literatura e cultura deve assumir um papel crítico, de denúncia, de transformação e deve acompanhar a evolução política e social de um povo. E o que foi exposto, infelizmente, é a única realidade do brasileiro, e NOSSA, portanto!

(O. O. J.)

Falta medicina preventiva no Brasil

Um dos maiores problemas que afetam diretamente a situação econômica financeira no Brasil é o baixo nível de saúde do nosso povo.

O gasto pelo I.N.P.S. com a saúde é vultuoso, mas boa parte desse dinheiro é gasto para tratar de doenças infecto-contagiosas, doenças essas típicas de países tropicais e sub-desenvolvidos.

No Brasil acredito que falta, por parte de nossas autoridades no campo médico, responsáveis pela saúde dos cidadãos, realmente se conscientizar que no Brasil o maior problema são as doenças infecto-contagiosas.

Doenças essas que matam muito mais que o câncer por exemplo, não que a prevenção e o tratamento do câncer não seja importante, mas o mal maior é ainda as doenças infecto-contagiosas.

Não podemos seguir aqui no Brasil um esquema de saúde como é feito em países evolui-

dos. Devemos sempre estar conscientes que vivemos em um país sub desenvolvido.

Existem meios de se mudar este quadro negativo da saúde no Brasil?

Existem, e vários.

Primeiro tem-se que se conscientizar a todos os Brasileiros que este problema existe e é sério. Acredito que havendo uma participação de todos, as soluções torna-se mais fáceis de se tornarem viáveis.

Segundo, tem-se que conscientizar a classe médica e os professores de medicina preventiva nas diversas faculdades de Medicina no Brasil para que realmente motive o aluno para o grande problema que ele enfrentará, esses fariam um trabalho de conscientização, alertando os cidadãos, os líderes em todos os níveis do sério problema que enfrentamos, problema esse que vai afetar até a nossa balança internacional de pagamentos, haja visto que a indústria de medicamentos no Bra-

sil é controlada por trustes.

Me recordo que na prova final que tive, na cadeira de Medicina Preventiva na Faculdade no Rio de Janeiro o professor me perguntou o que fazer para evitar os mosquitos. Eu respondi que se deveria acabar com poças de água, água estagnada, cortar as capoeiras, detetizar etc... Mas a resposta que ele queria era de me deu foi. Não meu filho, não complica, é só colocar tela nas janelas. Vemos aí de que maneira simplista e bem a brasileira os problemas são resolvidos. Não devemos nos esquecer que estamos na década de 70 e que faltam somente 22 anos para o ano 2 mil. Acredito que está na hora de nos convencermos que problemas vários existem e que se nós não resolvê-los, a situação não mudará, havendo o perigo de piorar e se tornar um problema incurável.

Não devemos nos esquecer que em plena década de 70 o Brasil foi palco de uma cena

comum a países da África, Índia, que foi uma epidemia de meningite. E ficou por isso mesmo, todos nós estamos acostumados a conviver com estes quadros. Para mim, isto é uma pena.

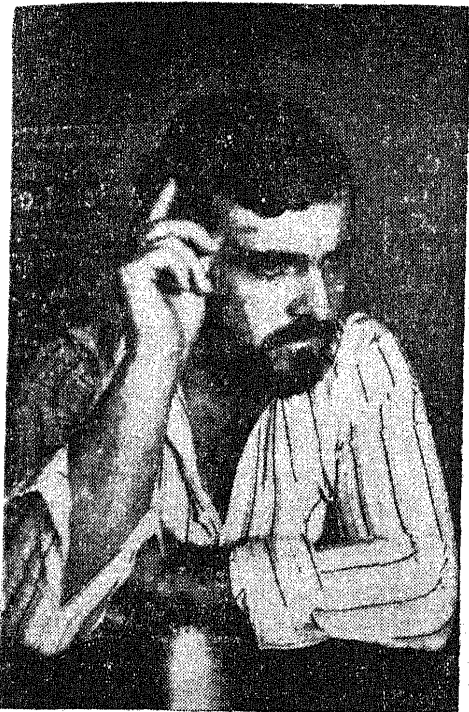
A quarta providência seria a de promover uma campanha de vacinação em massa, atingindo realmente todos (100%) da população.

Paralelamente a esta campanha, dar condições para que todos os habitantes das cidades tenham esgotô sanitário e água de rede tratada. E para completar deveríamos acabar com a sub-nutrição que existe no Brasil, fazendo com que as pessoas fiquem suscetíveis de adquirirem doenças contagiosas com mais facilidade.

Enfim, não devemos nos esquecer que o que mais mata no Brasil não as doenças infecto-contagiosas e com esforço de todos poderemos minimizar este problema.

(Benjamin Farias)

O ARTISTA DA CAPA
 Nome: Luiz Alberto Cé
 Local de nascimento:
 Rio de Sul (SC).



Luiz Cé está em Blumenau há três anos. Começou trabalhando com propaganda (aprendiz) na Magna. Um ano após, foi para a Scriba onde trabalha como Chefe-de-arte até hoje.

Luiz desenha e seu trabalho é voltado, normalmente, para o humor. Teve dois trabalhos publicados na Revista Cartoon 77, editada na Alemanha.

Os trabalhos publicados nessa revista são os melhores do mundo, é elaborada uma criteriosa seleção, sendo que os dez melhores são premiados.

"O campo de trabalho está muito bom em Blumenau, com o pequeno número de Agências não existe necessidade de preocupar-nos com a briga interna".

"Não existe uma união da classe, um clube, alguma coisa em que a gente pudesse se reunir e trocar idéias"... "Não sei qual é o problema, parece que existe um medo de que alguém possa roubar nossas idéias"...

"Existe uma rivalidade natural, outro problema é que ninguém se conhece. Cada um está preocupado com o seu próprio trabalho".

Essas são frases que Luiz deixa esca-

par voluntariamente quando discutimos sobre ética profissional e problemas comuns da classe publicitária em Blumenau.

Além do humor, Luiz tem preferência pelos quadrinhos. Seus trabalhos tem aparecido com relativa frequência na Tv Coligadas em forma de slides, table top.

Afirmando que a maior preocupação dos publicitários parece ser a crítica ao trabalho do outro, Luiz sugere que seria interessante se houvesse uma reunião uma vez por mês... Para que pudessemos nos conhecer e trocar idéias... Discutir os assuntos que nos preocupam. Existe em Florianópolis a Associação Catarinense de Propaganda... Mas infelizmente não serve para nós... Não está cumprindo com a finalidade de uma verdadeira instituição que represente a nossa classe.

Esses breves depoimentos que pegamos refletem em todos os casos o desejo que os elementos que trabalham com propaganda e publicidade possuem de se unirem e de constituírem um grupo coeso.

O que é que está faltando então?

Ora direis, exportar café?... Vamos é exportar mulatas

José Endoença Martins
 "Uma mulher sem'sabedorias
 É como um rio sem sabedorias
 (Vinicius - in Receita de Mulher)

Que me perdoe a intromissão o Vinicius, mas, nestes tempos relativos e bicudos que enfrentamos, o poetinha deveria, ao menos, reescrever os dois primeiros versos do seu decantado poema "Receita de Mulher" e deixá-los assim:

"As muito feias que me perdoem

Mas só a beleza é fundamental e exportável".

Pronto. O poema estaria atualizadíssimo e o sexagênario poetinha dando, patrioticamente, ao ministro Simonsen, um quinhão significativo para o desejado equilíbrio da balança de Pagamentos e para a amortização da asfixiante Dívida Externa.

É fácil entender, mas eu explico. Se exportar é o que importa e melhora as condições econômicas da Nação, não demorem mais, lancemo-nos, de corpo e alma, à essa dura mas patriótica tarefa e exportemos tudo o que por aqui nasce, viceja e cresce.

Usando a imaginação criadora tão solicitada pelo presidente Geisel aos políticos de Arena e MDB STATUS saiu na frente, aceitando mais este desafio, colocado diante dos brasileiros, que bem caracteriza os tempos relativos que nos obrigam viver.

Não deu outra. STATUS aportou nas bancas de revistas de Blumenau e do mundo, a peso de dólar, em Português, Inglês, Francês e Espanhol, no início do mês, com uma edição especial de Réveillon:

"Brazilian Mulatas For Export".

Uma edição sob medida, conforme manda o figurino econômico tupiniquim, para carrear divisas, em dólares, para o solo pátrio.

Mas Economia à parte, vamos à Anatomia. Das mulatas, é claro.

Numa feliz e oportuna analogia à cor, ao calor e ao gosto, STATUS substituiu, no seu mercado de exportação, o café por um produto cujos criadores, os portugueses, cultivam com ostentação e requinte.

Felizmente os nossos irmãos lusos vieram ter esta sublime idéia das mulatas por aqui. Não tivessem eles a idéia ou, por um desses caprichos do destino, a tivessem tido em outro lugar, estaríamos, agora, a ver navios e desolados e Dívida Externa num perigo mais iminente de insolvência.

Mas, como Deus, as mulatas também são brasileiras. Ainda bem.

Por isso elas cobrem, de cabo a rabo (???), todas as páginas de STATUS e descobrem, para um mundo ávido de exotismo, as mais exóticas malícias selvagens, encontráveis somente nelas, dádivas totais de uma terra criança e ainda bruta.

Naquelas páginas coloridas, a mulata se revela, gata, onça, pantera, tigresa, serpente cisne, pomba, rola, anjo, flor, rosa, cravo, folha, filha, mulher, amante, amada, armada do corpo esquecido da luz: a fauna e a flora no fulgor da beleza mais escura queimada. Odaras todas elas.

Mulatas de todos os tipos e quilates, pintadas a sete cores e repintadas nas palavras mais concretas e chamativas, de STATUS são lançadas no mercado consumidor externo e interno por poetas maiores de todos os tempos e épocas, tendências e escolas, mostrando, assim que o Brasil cultivava produtos de primeira para o público consumidor, mesmo o mais exigente.

De Castro Alves a Vinicius de Moraes, todos os escritores inseridos na edição especial "BRAZILIAN MULATAS FOR EXPORT", de STATUS, são unânimes em apontar as belezas, encantos, as molecagens das mulatas, entrevistas nas pernas, coxas, boca, olhos, dentes, curvas, curvas semoventes das ancas, nos cálices dos seios, no porte elegante e teso, nas partes indizíveis vetadas pela censura.

É, realmente, um checape inédito da mulatada brasileira e uma oportunidade singular pra gringo ver as compensações de se ter, todo o instante, ao alcance da mão, em embalagens naturais, este insinuante produto de exportação que, mais uma vez, o jeitinho brasileiro colocou no mercado para gozo e prazer de consumidores afixionados, renitentes e em potencial.

Neste jogo comercial, caro leitor, as nossas considerações poderiam ser avolumadas "ad infinitum vel ad nauseam" mas, arrematando tudo, registro duas impressões pessoais. De um lado, um amor pela sadia molecagem brasileira.

De outro lado, uma decepção profunda.

Amor — Mais uma vez o mundo se curva ante o engenho e arte dos brasileiros.

Felizmente .

Decepção — Mais uma vez a mulher se vendeu.

Infelizmente.

() Alguns Fatos & Outros Boatos ()

Ricken recebe placa de prata

Por ocasião das solenidades comemorativas à inauguração da Sede do Diretório Central dos Estudantes, o ex-reitor da FURB, professor Ignácio Ricken, recebeu uma placa de prata numa homenagem justa aos quatro anos de dedicação frente ao Ensino Superior em Sta. Catarina. Na ocasião falaram o presidente do DCE, Silvio Borges de Jesus, Prof. Milton Pompeu, Ignácio Ricken e Lorival Beckauser. A solenidade contou com a presença de Frei Odorico que benzeu as novas dependências e teceu algumas considerações sobre o ato em si.



Ignácio Ricken

I. Encontro de Imprensa Alternativa

Com a presença de algumas dezenas de Jornais catarinenses e mineiros, realizou-se em Brusque o 1º. Encontro de Imprensa Alternativa, com o objetivo de organizar uma Cooperativa de elementos que mantenham uma atividade regular na imprensa e bem

como, um jornal que congregue todos esses elementos. Maiores detalhes, divulgaremos oportunamente, por ocasião do IIº. Encontro que será realizado em junho (dia 24), uma sexta-feira a partir das 14:00 horas na FURB em Blumenau.

Marx em Blumenau

Estará em Blumenau por ocasião do Iº. Congresso Nacional de Serviços Públicos o conhecido paisagista e artista Roberto Burle Marx. A importância da preservação e do planejamento paisagístico no desenvolvimento das médias e grandes cidades, se-

rá o tema de sua palestra. Esse encontro será o primeiro de uma série que pretende-se seja desenvolvido anualmente. O evento tem como promotores, a Associação Brasileira de Limpeza Pública e a Prefeitura Municipal de Blumenau.

POEMAS CASSADOS

É o nome de uma Antologia que reúne alguns poetas jovens de Blumenau. Depois de muita briga, finalmente, pode-se dar a boa notícia. Até setembro, teremos o livro em mãos que será divulgado nas universidades, escolas e outros lugares... Um livro diferente, como se propõe os autores: Domingos Sávio Nunes, Fred Richter, Maria Odete O. Olsen, Oldemar Olsen Jr. e Roberto Diniz Saut.

Enxadristas protestam contra o estado

Estudantes de sete Instituições de Ensino superior do estado de Sta. Catarina abandonaram os XXXIV Jogos Universitários Catarinenses quando na penúltima rodada do campeonato de Xadrez. O protesto contra o estado das coisas surgiu quando descobriu-se que os melhores em número de quatro), daquele certame, não iriam para os jogos Univ. Brasileiros... Mas sim, iriam aqueles elementos que a Federação escolhesse. Os enxadristas abandonaram a 4ª. rodada e redigiram um abaixo assinado para que o descontentamento tivesse realmente um sentido. O texto segue:

IRREGULARIDADES NAS COMPETIÇÕES DE XADREZ DOS XXXIV JOGOS UNIVERSITÁRIOS CATARINENSES

Considerando que o regulamento de Xadrez dos XXXIV JUCS favorece a classificação individual em detrimento às disputas por equipe; considerando que o diretor técnico de xadrez da FCDU, sr. Lédio Rosa de Andrade em novembro de 1977, afirmava que o referido regulamento visava escolher os melhores jogadores participantes para os jogos universitários Brasileiros, e que isto seria cumprido à risca. Considerando que as regras do jogo foram mudadas para favorecer: Edison Marques e Lédio Rosa de Andrade (ausentes do torneio) e considerados pela FCDU como sendo os melhores que os participantes demais. Considerando que o "interior do Estado" nunca teve um único jogador e na equipe que defende o Estado de Sta. Catarina em Jogos Brasileiros Universitários, mesmo havendo jogadores com um nível técnico superior aos da capital.

Os jogadores, em protesto, desistem das competições negando-se a participar de quaisquer outras enquanto persistirem os "conchavos", as "panelinhas" e os protecionismos dos amigos dos organizadores.

Claus Monich, Edson Araujo, Humberto Rover, Luiz Bolsoi, Maria Odete O. Olsen, Márcio Brunato Silva, Mario José Lico, Oldemar Olsen Jr., Osório L. M. Garcia, Ricardo Rinnenberg, Siegrifield Krautzfeld.

Deixaram de assinar o manifesto, para não se envolverem com a Federação: Walter Sonnenhohl, Alberto Sucupira e Antônio Duarte.

Monumento ao Filho da Mãe

Existem pessoas que fazem o possível e até o impossível para se autoproverem. Um elemento de Blumenau (cidade do interior de Sta. Catarina) com o intuito de ser visto como "Bom Samaritano", concebeu e deu a luz ao Monumento a Mãe Blumenau. A coisa nasceu, germinou e arrumaram até um local para ela ser admirada... Agora, com o único e salutar e sacrossanto ideal de aparecer também, criamos (parimos): a Apologia ao Filho da Mãe... Se a coisa vingar, em breve aparecerá o Elogio ao Bêbado Desamparado, Crítica a Demência Precoce, Epítrofe a "FLASCH BIER" Caliente... E por aí a fora... Alguns com razão, outros por motivo justo.

LIVRARIA ACADEMICA

AGORA MAIS PERTO DE VOCÊ

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina

EDUCAÇÃO O ESTADO PARA O POVO

Prof. Augusto Sylvio Prodoehl

PERGUNTAVA o Jornal Nacional, televisionado, através do locutor, Sergio Chaplain, se ainda há condições para um regime "do povo para o povo". A indagação bem reflete a situação do sistema político no mundo civilizado, super-civilizado.

Se o amigo acadêmico escolheu um século para nascer, dificilmente poderia ter escolhido um que seja mais excitante do que o nosso, o atual. Se o leitor, que já fora acadêmico, chegou a "meia idade", teve de viver através de duas guerras mundiais e temer (como todos tememos) uma terceira, presenciar uma impressionante revolução e contra-revolução na Rússia, Alemanha, Itália, Espanha, China e em países menos importantes, afora o surgimento dos países africanos. Passamos por três, talvez quatro depressões de âmbito mundial observamos o país mais rico do mundo mergulhar na mais estonteante de todas as "debacles" (1929) e prendemos a respiração atualmente quando se especula se a "guerra fria" pressagia um novo furacão global à manutenção (custe o que custar) de seus mercados externos que hoje também se tornam desenvolvidos, com produtores de exportações rivais.

O indivíduo privado (uma invenção recente e extremamente precária) encontra-se diminuído e dominado inteiramente pelo caráter geral das guerras totais e dos governos totalitários, pela elefantíase e da máquina, pelo crescimento

megapolitano da vida urbana, pelos nove ou doze zeros no fim das estatísticas de lucros e perdas, de taxações e gastos públicos, de vida e morte. Será o indivíduo, então, um simples e momentâneo capricho de História? e que será em pouco tempo dissolvido pela corrente do gigantismo e do corporativismo? Poderão a "liberdade" e a "democracia" (dois outros brotos atrasados e apenas recentemente enraizados) sobreviver no mundo selvagem das futuras guerras totais?

Continuarão a florescer a propriedade privada, a livre iniciativa, a liberdade de locomoção, de emprego e de organização debaixo da sombra dupla do monopólio gigantesco e da iniciativa do Estado? Como decidirá o herói anônimo "da democracia", o "eleitor soberano", sobre a necessidade de várias despesas num orçamento de muitos bilhões de dolares ou trilhões de cruzeirinhos?

No século XIX as coisas eram bastante movimentadas, mas, pelo menos, aconteciam com certa regularidade, o século tinha tempo de se ajustar aos fatos e formular o significado em sistemas de generalização teórica. As coisas do século XX, no entanto, estão acontecendo com tanta rapidez e há tanta coisa sem precedentes em magnitude e natureza que as explicações coxeiam atrás dos fatos velozes e em pouco tempo perdemos de vista, as constantes viagens internacionais de Secre-

tários de Estado e dos próprios Chefes de Estado.

E já que o nosso século não possui teorias adequadas e capazes de arrastar com as novidades históricas, voltamos beatificamente aos credos antagonísticos dos séculos XVII e XIX, reexaminando-os ansiosamente nas Universidades (quando temos liberdade para fazê-lo como devemos fazer) em busca de novas combinações de elementos e de marcos decisivos, para nova orientação aos nossos tempos, tão cheios de "sinais dos tempos".

O poder do Estado (cuja origem e formação todos nós conhecemos de aulas vividas já no 2º grau) o poder estatal, medido pelos campos que abraça e pelo valor que pode arrecadar como impostos e para a guerra, aumentar constantemente nos últimos oito ou nove séculos. Se recuarmos aos comêços do período moderno, descobriremos pequenos exércitos, instáveis, recrutados apenas por quarenta dias, pagos pelos recursos privados de um rei, que era apenas o primeiro entre seus pares. Mas quando o monarca centralizou a tal ponto o reino que podia decretar impostos, criou também o exército permanente. E foi a Revolução Francesa que derubou a monarquia, para completar os objetivos desta última de centralizar a França, varrendo os interesses privados, jurisdições e lealdades locais, organizações não-estatais, autoridades sociais, barreiras de privilégios e posição, enfim toda a gama de formas medievais cultivadas penosa-

mente, isto em favor do Estado moderno burocrático, unitário e centralizado. E foi preciso na Revolução Francesa com o grito de "A República está em perigo!" para instituir a conscrição do potencial humano e dos recursos da França para os Exércitos de Carnot e Napoleão.

Quando o historiador do próximo século olhar retroativamente para o nosso, imaginamos que o fará com divertimento devido a nossa excitação com a questão de "capitalismo versus comunismo" (ou "socialismo"). O problema real do século XX, (dirá provavelmente o historiador lúcido do século XXI) não era o do "comunismo" (ou "socialismo") versus "capitalismo", absolutamente, mas se o Estado podia intervir em tantos campos e se tantos aspectos da vida podiam tornar-se coletivizados, socializados ou estatizados — esses tres termos não são de maneira nenhuma sinônimos! — sem que o Estado se tornasse total no processo, sem a eliminação da liberdade e a morte da democracia.

Pondo a questão em termos políticos, o problema real do século XX era o do Estado limitado ou o Estado total, a democracia ou o totalitarismo, ou, para adaptar uma metáfora teológica familiar sobre o Sabbath, "se o Estado devia continuar a existir para o povo ou o povo para o Estado".

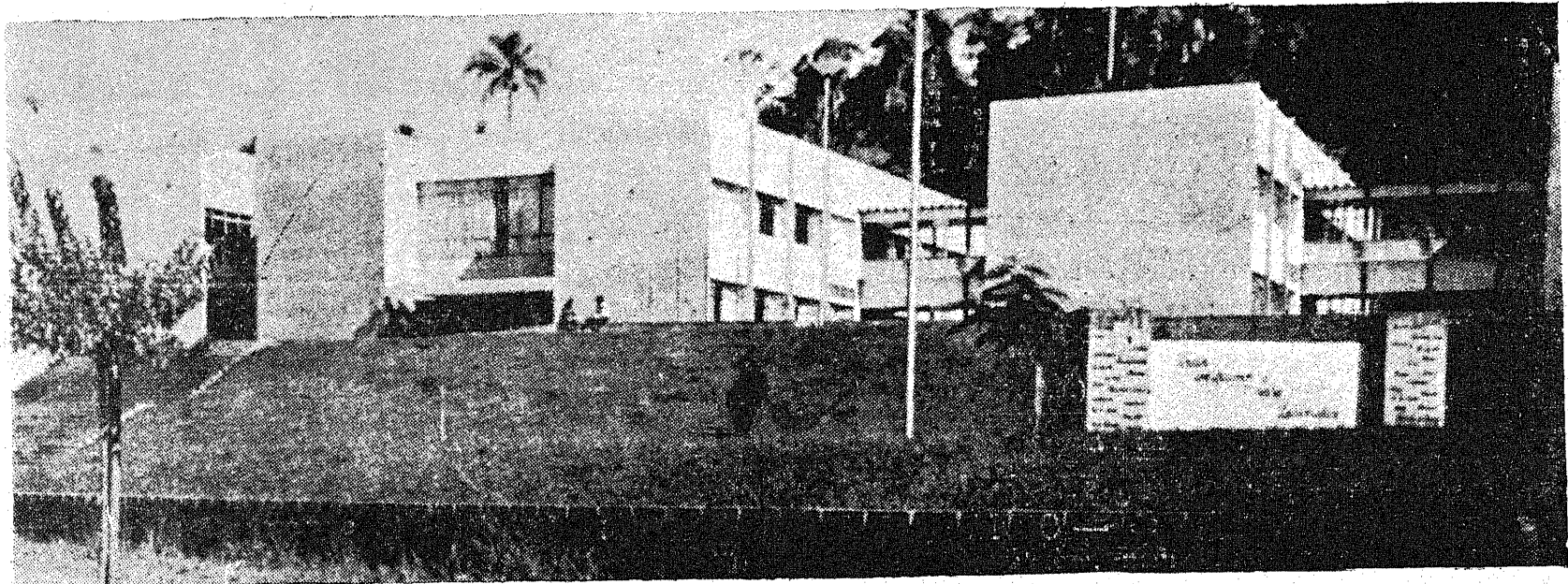
Inegavelmente, a pergunta do Jornal Nacional (televisionado) pode ser, se não uma dúvida, uma persuasiva advertência.



FINASC

Somando recursos para multiplicar benefícios

FURB: A HISTÓRIA EM NÚMEROS



Agora, por ocasião de seu 14º aniversário, estamos dando em números o que é nossa quase universidade.

A FURB (Fundação Educacional da Região de Blumenau) conta atualmente com 4032 alunos e um quadro de professores com 232 elementos em exercício. Com 17 cursos espargidos em 5 faculdades.

A Biblioteca está com um acervo de mais de 60.000 volumes (incluindo os periódicos); constitui-se, assim, na maior Biblioteca do Estado... E a melhor organizada. A média de 1500 consultas diárias.

Outros departamentos que funcionam na FURB:

IPLAN — Instituto de Planejamento e Processamento de Dados que fornece levantamentos socio-econômico, mão de obra e assistência gerencial.

IPI — Instituto de Pesquisas Tecnológicas — Atendimento as empresas da região, órgãos públicos, serviços, pesquisas, estatísticas, análises de água, análise de solos.

CPD — Centro de Processa-

mento de Dados — Serve para as aulas práticas do curso de Processamento de Dados, presta serviço ao CREA, Dudaalina, EMPASC e, também na matrícula e Cursos da própria instituição.

Serviço Judiciário — Em que os alunos do curso de Direito fazem estágio profissional e atende as classes menos favorecidas.

SOE — Serviço de Orientação Educacional — Atende as empresas e órgãos Assistenciais da cidade (APAE, ... SENAC).

ATE — Acessoria Técnica de Ensino — Procura melhorar o padrão de ensino.

Associação dos Amigos da FURB — Auxilia em cursos de capacitação docente, bolsas de estudo a alunos carentes.

Grupo de Teatro PHOENIX da FURB — Que é mais um órgão da Instituição. Recebendo auxílio em transporte, direitos autorais e divulgação.

Divisão de Assistência ao Estudante, que presta serviços aos alunos na orientação sobre o Crédito Educativo, Bolsas de Trabalho, fornece orien-

tação no sentido de "onde morar", alojamentos, pensão, etc.

Laboratórios — Com todas as instalações de ótima qualidade e bem equipados.

Laboratórios que servem os cursos de Ciências Naturais, Química, Física, Laboratório de Línguas e outros específicos na área de Engenharia Civil e Eng. Química.

Departamento de Cultura — Responsável por Exposições de Artes Plásticas, Fotografia, lançamentos de livro, recitais de poesia e música, espetáculos teatrais, projeções cinematográficas, conferências, debates, seminários, bem como toda e qualquer atividade de caráter artístico-cultural.

Instalações na RFFSC (Rede Ferroviária Federal de Sta. Catarina) para os cursos de Engenharia Civil e Química.

O Centro de Pesquisa Físico Aplicadas em convênio com o CTA (Centro Técnico Aéreo Espacial do Instituto da Aeronáutica; situado em Gaspar em área doada pela Souza Cruz. Futuramente, a FURB tenciona abrir novos cursos

dentro dessa área, treinar alunos, capacitar professores e alunos desenvolvendo oportunidades de estágio.

Imprensa da FURB — Funcionando junto à Biblioteca existe um departamento de imprensa, encadernação e recuperação de volumes.

Poderemos, agora, falar dos Diretórios Acadêmicos organizados em cinco Faculdades e reunidos num DCE (Diretório Central dos Estudantes). Funcionando em sede própria, em amplas e modernas instalações o DCE dirige e organiza diversas atividades.

O Restaurante Universitário construído pelo DCE que atende aos acadêmicos. O Clube de Xadrez (um dos mais modernos do Estado), também do Diretório Central.

O Jornal Acadêmico (sem comentários)...

Com todos os cursos reconhecidos, formando anualmente dezenas de engenheiros, advogados, químicos, físicos... A FURB é uma organização que não pode ser mais ignorada.



**A CASINHA AGORA
ESTÁ SORRINDO
TAMBÉM NO GARCIA**

PROBST — Rua Amazonas, 3.176

(AS)SOCIAIS AKADÊMICAS

Celso Vicenzi

Não concordo com uma só palavra do que dizeis mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-lo. (Voltaire)

MUNDO CÃO (I)

Foi realizado em Blumenau no último dia 9 de abril, no Olímpico, uma exposição de cães. Até aí nada de mais. Aliás, é muito bom que se desenvolva o amor aos animais, mas as coisas estão chegando a um ponto ridículo e desumano. No Brasil ainda não se atingiu a vergonhosa situação francesa, mas nem por isso ficamos muito para trás. Em nosso país (que país é este?) já existe até psiquiatra para cães. Mas vamos até o país dos cães e gatos: a França. Neste país de 52 milhões de habitantes existem 15 milhões de gatos e cachorros, que absolutamente, não levam uma "vida de cão", como seria de supor. Os cães e gatos possuem boutiques especializadas; nos supermercados aumentam as prateleiras com comida para ambos os animais; perfumes; shampo; veterinários (atendem melhor que muitos médicos do INPS) e todo tipo de produtos de consumo estão a disposição dos proprietários desses animais. Pois bem, a palhaçada continua: acaba de ser lançado na França um livro com dietas apenas para gatos.

Enquanto isso, um terço da população mundial passa fome.

O que se pode fazer? Não sei, cada um tem um modo de pensar, que eu respeito. A verdade é que quando penso sobre essas coisas, tenho uma enorme vontade de mandar todo mundo pra PQP.

E não se esqueçam de levar seus cães e gatos.

MUNDO CÃO (II)

Na França, as campanhas para adoção de animais são

muito mais comuns do que as de adoção de crianças. E estão enganados aqueles que pensam que o afeto dedicado aos cães e gatos e negados a seres humanos, seja produto de contrastes sociais. Em Berlim ou Estocolmo não existem menores — nem maiores — abandonados. Mas os cães recebem maiores demonstrações de afeto que seres humanos.

Querem saber por que? O cronista Janer Cristaldo (Folha da Manhã) explica: "afeto todos têm a oferecer. O problema é encontrar quem o aceite. O cão — aceita incondicionalmente toda e qualquer manifestação afetiva, sadia ou neurótica, expressada em afagos ou pontapés. É fácil amar um cão. Difícil é amar outra pessoa. Ou a si próprio".

FILOSOFIA DE UM NOVO TEMPO

Não há romantismo que resista a uma boa hemorróida.

AS MULTINACIONAIS E SUAS COBAIAS

O Paulo Silesth denunciou no Pasquim n.º 455, que a Ford colocou no mercado o Corcel II com um motor superado para o porte do novo modelo. Pois bem, agora a Ford vai oferecer aos seus distintos clientes (abram o olho, seus trouxas), um motor mais possante.

E os milhares de consumidores (cobaiais) que levaram cano, como é que ficam.

— Que se Fordam.

ENSINAR COM C

Em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, mais de 100 alunos da oitava série de recuperação da Escola Básica Celso Ramos, estão sem receber aulas desde o iní-

cio do ano letivo, por falta de professores. A escola Getúlio Vargas, pertencente também à rede estadual de educação, enfrenta problemas semelhantes em duas classes de 50 alunos, na área de matemática. A Secretaria de Educação e Cultura, sabendo do problema desde meados de março, até agora não tomou nenhuma decisão, conforme notícia publicada no jornal O ESTADO (15.04.78).

Falar sobre a educação no país, ou mesmo em nosso Estado, é uma responsabilidade muito grande, pois são poucos aqueles que realmente tem competência para tanto. Mas existem coisas que a gente vê e não pode deixar de comentar. Pessoas sem a menor competência fazem e desfazem coisas sem o menor constrangimento. Não ouvem professores ou alunos: simplesmente decidem. As consequências disto tudo são bastante visíveis. É inadmissível, entre inúmeras outras coisas, que uma grande parte dos universitários não sabe sequer escrever. As falhas estão aí pra quem quiser enxergar.

No Brasil, até prova em contrário, o ensino continua sendo com C.

E POR FALAR EM DIREITOS HUMANOS...

No Paraná, um grupo de professores foi acusado pelas autoridades de segurança de "ministrar aulas de leninismo e marxismo a crianças de 2 a 6 anos, negando as instituições da família, da religião e da pátria." Com base nesta espantosa acusação, onze profissionais liberais foram presos em Curitiba, em meados de março, episódio precedido do sequestro da professora e jornalista Juracilda da Veiga,

do semanário Movimento e ligada à Cúria Metropolitana de Curitiba. Juracilda ficou dois dias presa em lugar "incerto e não sabido", sofreu choques elétricos nos braços e nas mãos, respondeu a dez diferentes interrogatórios e por fim, foi abandonada na Rodovia Regis Bittencourt, a 10 km de Registro — a metade do caminho entre Curitiba e São Paulo. A Polícia Federal negou qualquer envolvimento no sequestro e prometeu um inquérito "para apurar as denúncias e responsabilidades". Aliás, isto já virou chavão: autoridades e órgãos oficiais repetem a todo instante que será aberto inquérito "para apurar as responsabilidades". Só que até agora, nada...

Enquanto isso, o coronel Erasmo Dias, da Polícia de São Paulo (o mesmo que mandou baixar o pau nos estudantes), é candidato ao governo do Estado.

De Gaulle já nos prevenira que "este não é um país sério".

PROFECIA

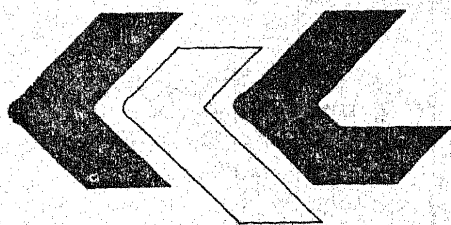
Aviso aos navegantes: cuidado com as roupas vermelhas e a ruborização da face. Na interpretação "Deles", isto também pode ser uma forma de adesão e divulgação do comunismo.

A MANEIRA CERTA DE DIZER AS COISAS

"Na volta às aulas, um gesto, uma palavra, um sorriso. O seu professor merece".

Todo mundo cansou de ver a propaganda na televisão. Mas anunciar o salário do professor, isso eles não fazem. Aliás, o professor não merece.

CENTRO CÓPIAS LTDA.



AS CÓPIAS SÓ SUPERADAS PELOS ORIGINÁIS.

LEMAC S.A. - INDÚSTRIA HELIOGRÁFICA — Repres. exclusivo de Sta. Catarina

MATERIAIS PARA ENGENHARIA * DESENHO * EXPEDIENTE

Rua Floriano Peixoto, 89

LOJA 3 — Fone: 22-3215

Blumenau - SC.

CADERNINO ESPECIAL

É MAIS UMA DAQUELAS EXCLAMAÇÕES QUE VO CÊ DIZ QUANDO ESTÁ SENTINDO E NÃO SENTE QUANDO DIZ...
LIBERDADE, LIBERDADE... (QUANTOS EXCESSOS SÃO COMETIDOS EM TEU NOME)...
SALVE 21 DE ABRIL, DIA DOS EXCESSOS. (O.O.J.)

ACADÊMICO — um grupo de resistência

— RESISTINDO E TRANSFORMANDO —

Quando cá chegamos, outros já estavam aqui. Tínhamos necessidade de mostrar nossas angústias, mas eles recusaram nossas elucubrações. Ignoraram-nos o "estar aqui", física e espiritualmente... Foi quando fundamos o "Universitário"; Jornal de vida curta (um ano), tablóide com oito páginas mais preocupado em

1975 e tínhamos o n.º 1 (com 12 páginas)... Começamos denunciando as fraudes; em 1976 aumentamos para 16 páginas... Em 1978 duplicamos a tiragem do jornal e aumentamos para 20 páginas... Envelopes e papel timbrado, decalques espalhados pelo país, circulação em todas as Universidades, um prêmio como um

confissão de fraqueza, nem um atestado de óbito, nem porventura, uma denúncia. É apenas um balanço crítico de quase três anos de existência (resistência) dentro de um clima inóspito onde até os professores confessam gostarem mais do futebol e do circo, infelizmente os palhaços são sempre os mesmos e não es-

famintos, preferem morrer de fome a aceitar nosso pão com temor de que tenhamos envenenado o alimento... E o medo do contágio? Somos um povo amedrontado, não sabemos do que e nem porque, o diabo é que temos medo... 1978, continuamos denunciando as fraudes e eles acham bonito... É tudo muito bonito.. Mas estamos vulgarizando o conceito de beleza...



OS MELHORES JORNAIS UNIVERSITÁRIOS DE 1975
PREMIADOS PELA PARKER PEN DO BRASIL

criar um caso do que em resolver um problema. Quando os conflitos interiorizaram-se e tínhamos que lutar em duas frentes... Surgiu a idéia do Acadêmico... O nome foi uma tentativa de antagonizar diretamente o Jornal existente. Houve mesmo, uma época em que ambos circulavam simultaneamente... Junho de ...

dos melhores do Brasil... A elite intelectual do Estado colaborando conosco, podemos confessar ironicamente que chegamos lá... O pão espiritual que espargimos por esse solo pusilânime entre o povo mais indisciplinado do mundo, não pode ser deglutido a contento... A fome não está no espírito... Isso não é uma

tão atualizando as piadas, de forma que as coisas estão na mesma.

Antigamente, trabalhávamos mais, havia uma necessidade doentia de provar o nosso ponto de vista, hoje, a vista do nosso ponto parece não ser mais a mesma... Existe uma carência de renovação, interesses diferentes, pobres

O UNIVERSITÁRIO, jornal fundado em 1974 e falecido em 1975 foi premiado no ano de sua fundação... O ACADÊMICO, fundado em 1975 e premiado também, no ano de sua fundação, está com comoção cerebral... Nascemos de cesariana e pretendemos morrer de enfarte... Isto é, seremos os últimos a saber quando desligarem o soro...

Bem rapazes, porque vocês não mandam uma cartinha de solidariedade, dizendo que não podem fazer nada porque eles estão de olho em vocês... É uma forma grotesca de conhecermos o grau de penetração, não da agulha mas da circulação dessas páginas vis que nada fazem senão atraparilhar nosso jogo de futebol.

"Numa briga de analfabetos, quem usar da escrita como arma, está desarmado".

Endereço para correspondência —

Aos imbecis que estão fazendo poesia e pensando nos outros enquanto queremos apenas chamar o juiz de ladrão e ver o final do jogo... Caixa Postal 1124 — 89.100 — Blumenau — Sta. Catarina.

NOSSA ARMA É A ESCRITA

MARIA ODETE O. OLSEN

Ruídos de esperança

como uma ladra
 sorrateira e afoita
 eis-me de novo
 a vasculhar teu mundo
 num estorvo
 como a criança ao léu
 procura entre as folhas secas
 o seixo que lhe caiu
 procuro eu
 entre esses versos escritos
 a palavra perdida que me signifique
 e permaneço assim,
 hesitante,
 com essas laudas nas mãos
 temerosa no silêncio
 que meu roubo produz,
 sentindo o cruel vazio
 da minha ausência em ti
 nessas tuas linhas insanas,
 que cravadas,
 mais doloridas são,
 que os passos de tua presença
 a vir.

Bocas do meio dia

algumas tecelagens vomitam seus homens
 a hora do meio dia,
 e eles lançados por essas estradas,
 quentes do meio dia,
 exibem esses corpos deformados,
 alheios,
 da mal formada harmonia.
 deveria existir um sino que repicasse
 quando esses homens sagrados
 os homens do meio dia,
 se dirigissem aos refeitórios
 ou as escadas das portas dos cantos,
 porque cansados
 com as mãos calejadas e mal lavadas,
 de um meio dia,
 revolvem envergonhados
 e entulham-se apressados e desconfiados,
 um angu grosso que já faz dias.
 mas é uma sirena que solitária estrila
 para que a mente revoltada com aquela papa
 não se dê aos temores, [descendo,
 as ousadias ou as desgraças de cada dia.
 e é somente com essa dor de todo dia,
 que esses rufiões de Malharias,
 retardam seus empregados a condição de bicho
 fazendo cada macho esconder seu rabo, [acuado
 e nesse intervalo
 que é o meio dia,
 rolar as lágrimas de um outro dia.

DOMINGOS SAVIO NUNES

Causa mortis

Ai, se o coração bater bem frouxo,
 virar uma bomba mole em carne e banha,
 desafinado sino e catedral,
 e marcar passo a indiferença...
 Quando a boca amolecer calada
 mostrando apenas dentes, lingua e baba
 ou se fechar demais astuta
 e estiver lacrada a indiferença...
 ... Se perderem a expressão os olhos
 e se puserem vítreos
 (vídeo avesso inútil)
 alheios ao que virem, bovinos,
 e estiver perdida a diferença...
 E quando as mãos cansarem de cavar,
 canas açoitadas no deserto,
 escravas dormentes, dóceis instrumentos,
 e estiverem tontas de apatia...
 É quando o riso louco assoma nos ouvidos,
 faz tremer de gozo as tripas;
 a gargalhada escoo pela espinha,
 entope as veias.
 É morte prematura inexorável:
 quadro normal de indiferença deglutida,
 assimilada.

Credo

Creio em ti como um todo,
 nas tuas partes mais ínfimas,
 nos teus aglomerados mais gigantes,
 nas tuas formas mais diferentes;
 creio na energia invisível que transportas;
 creio no abstrato que és por extensão,
 na tua eternidade,
 na tua humildade e na tua indiferença calada;
 creio no exemplo perfeito de equilíbrio que me [mostras,
 na inviolabilidade de teus segredos,
 na infalibilidade de tuas regras;
 creio na euforia da vida que podes criar;
 creio na exatidão de todos os teus ângulos;
 creio na liberdade que tens
 de fazer e desfazer o que quiseres;
 creio na organicidade de tuas assimetrias,
 na unidade que és de uma ponta a outra do universo;
 creio em ti, Matéria,
 enquanto minha função for criar extensões abstratas [para ti,
 até que ma dividas,
 conjunto vivo momentâneo que sou.

FRED R

João, um

Vidas religiosas conheço de
 Descrente, João vive um cre
 Como em regra, essa crença
 Não lhe inspira a vida afeti
 Os temores, e ele se mta
 Lucidez? O sofrido retrato

 A coisa está tão viva que
 Que ele seja um cristão, nã
 Ou que o tenha sido ou ve
 No fundo, no Homem, no J
 É o martírio do amor e da
 Dentro de uma realidade qu

 É o martírio de todos nós, p
 João, um grande crente, un
 João, um brasileiro, especia
 Acossado, alma com um pr
 João, dividido pelos descam
 Esboço de um cruel fado h
 Seguirá sempre acreditand
 Com suas notícias, m
 Credo tanto no horror co
 E assim de certa forma em
 João, em resumo, obra e m

Ten

A minha consciência sente
 Uma angústia de minutos
 voltam as certezas.
 Há um inconsciente-ration
 e um pensamento que pens
 Há pequenos pedaços de lo
 que são como tremores de
 Há esse silêncio que não se
 Há um sonho desperdiçado
 Há a paz. Julgo a válida, m
 em sua afirmação.
 Há milhares de léguas de
 Há o amor em toda a sing
 de sua espontaneidade.
 Há a verdade. A abertura
 da sua sinceridade e veemê
 é que me perturba.
 Há a destruição da ilusão
 Há o idealismo da existênc
 só porque você existe.
 Há a miséria dos tempos c
 mas, também, a mágica es
 dos tempos prometidos.
 Há esse silêncio que não s
 Há um sonho desperdiçado
 Há o instante da tristeza
 e da morte para a vida.
 Mas o momento é de busca
 Há uma única essência e,
 seu tempo, a poesia.

RICHTER

Crente

zenas, nenhuma assim.
 ente ou que assim se julga.
 ca, crença em crer que vive,
 iva, mas as palavras,
 co impiedosa lucidez.
 do próprio João como
 [crente?
 é bem possível
 o sei,
 enha ser.
 João, o que traça
 falta de amor
 ue constata deserta de
 [amor
 pois não. Daí a aposta:
 m assalariado de Deus.
 ialista em generalidades;
 rincipio domesticado,
 minhos da carne,
 umano,
 o na vida cotidiana,
 as traças,
 omo no jornal
 n nenhum dos dois,
 norte da fatalidade do mal.
 mpo
 e perder a base.
 depois,
 mal
 asa o homem...
 oucura
 terra.
 e define.
 o.
 mas,
 distância.
 geleza
 franca
 ência
 do eu.
 cia existida
 começados,
 speranza
 se define .
 o.
 a .

ROBERTO DINIZ SAUT

Observação incontida

A cama do hotel
 ferveu os seios beijados da mulher.
 A boca da noite
 acolheu os sapatos do vagabundo.
 O prato de feijão
 completou o estômago do faminto.
 Os lábios da menina
 sentiram os lábios do amor.
 A mão do padre
 ameaçou o pai divorciado.
 Os olhos da velha
 entristeceu o riso da juventude.
 As pernas do aleijado
 varreram a calçada do prefeito.
 As armas do soldado
 cravejaram o peito do sabiá.
 A palavra do advogado
 soltou o dono da prostituta.
 A fome do comerciante
 comeu o salário do operário.
 A faca do médico
 esfacelou o segredo do coração.
 O motorista de taxi
 desconfiou do bolso do desconhecido.
 A universidade
 implorou a diária do estudante.
 O governador
 varreu a rua do eleitor.
 O professor
 esqueceu de se educar.
 A solteirona
 atacou o diretor do colégio.
 A secretária
 despiu seu patrão.
 A esposa chorou o cansaço do marido.
 O leitor noturno
 leu a Bíblia à luz do Sol.
 A freira
 tirou o hábito na praça.
 A lei
 engoliu minhas terras.
 A religião
 rejeitou minha liberdade.
 A fome
 matou a alegria.
 A financeira
 destruiu meu lar.
 A sociedade sepultou minha moral.
 O poder econômico
 assassinou nossos poemas.
 Sim,
 tudo acontece, enquanto meus amigos,
 milhões deles,
 permanecem enclausurados
 na possibilidade de serem libertados
 da inércia social.

OLDEMAR OLSEN JR.

Operário padrão

(à um 1º. de maio qualquer)

Não sei onde em que lei imaginária,
 Pode o Homem conceber esses cansaços
 Físicos que os prostram sempre de braços
 Abertos, em situação ordinária,
 Quando tem que enfrentar essa situação diária:
 Trabalhar... E a força desses abraços,
 Muitas vezes nos fazem de palhaços,
 Quando não ganhamos a necessária
 Renda para uma pequena família.
 Ah! Não querendo ser um pai covarde,
 Passo todas as noites de vigília
 Dando um duro nessa vida matreira.
 Sim, e entristecido, concludo já tarde:
 É minha realidade brasileira!

Livres e em paz

Outra tentativa desesperada
 Fiz hoje ao acordar de um tranquilo sono,
 Semelhante a John Lennon e Yoko Ono
 Em outro dia na mesma madrugada.
 Ah! Levantei-me e fui até a sacada
 — Sim, observei tudo como um autônomo —
 Pondo-me no quarto em grande abandono,
 Pensando em toda a Humanidade armada.
 Eu vi brancos e negros e amarelos
 Com as mesmas interrogações, sim
 Juntos na morte com os mesmos elos...

Imaginando para esses enfermos
 que a união se fazia agora no fim
 Muito tarde para nós entendermos!

Herói dos desgraçados

As desgraças desse povo me abalam
 — Porque sendo o maior dos desgraçados —
 Sofro mais com esses injustiçados
 Do que essas vãs palavras assinalam.
 Se os mujiques de Leon Tolstoi se calam
 E os probretões da aldeia se vejam forçados
 A admirarem todos os pés calçados,
 Do despotismo absoluto que exalam,
 Os homens/que tem tudo e nada tem.
 Sim, que todos os diagnósticos neguem
 A doença que me aflige também...
 Mesmo aqui, nesse povo sofredor,
 Entre as pessoas simples que me acolhem,
 Sobram as culpas onde falta o amor!

CRÍTICA O trapésio poético de Pedro Garcia

Prof. Lauro Junkes (UFSC)

A Editora da UDESC, ensaiando vôo de autonomia, lançou seu primeiro livro sem coedição numa área das mais ingratas e difíceis financeiramente: o livro de poesias de Pedro Garcia TRAPÉZIO & TRAPEZISTA. Examinemos rapidamente sua trajetória poética.

Pedro Garcia é natural de Porto Alegre, onde nasceu em 1938. Embora tenha já vivido em várias regiões brasileiras, residindo atualmente no Rio de Janeiro, onde exerce o magistério superior na área da educação, — é um poeta profundamente influenciado pela ambiência da Ilha de Santa Catarina, onde permaneceu cerca de vinte anos. A própria ilha, o mar, o pescador e sobretudo o peixe — são constantes na sua temática. Em Florianópolis também lançou suas obras.

VIAGEM NORTE (Florianópolis, 1959) é seu primeiro livro um grande poema único, que explora particularmente a disposição visual, a distribuição cuidadosa das palavras na página. Trazendo na folha de rosto, sugestivamente, versos de Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, poeta maior mas de grande complexidade, o poema Garcia apresenta-se bastante hermético, com sensíveis ressonâncias surrealistas, recorrendo a uma série indefinida de sugestões circunstanciais, de "flashes", de cortes cinematográficos que aproximam as realidades mais díspares. Há uma preocupação constante em aproveitar e valorizar a palavra em sua sonoridade, sobretudo através da rima (muitas vezes interna), da aliteração, da paronomásia e de hábeis trocadilhos. É o significativo sobressaindo com real destaque. Veja-se: "em cânticos antigas ligas figas de mortes sortes em misturas ligas

riso morto
 torto
 meu
 riso
 permanece padece cresce em imitação
 canto lento vento
 catavento
 girando quebrando
 harmonia sem poesia".
 O poema é, assim, um fluir constante, sem pontuação al-

guma, uma sinfonia visual e sonora.

ILHA SUBMERSA (Edições Livros da Ilha, 1964) foi seu segundo livro. Inicia com várias epígrafes de Jorge de Lima — nosso modernista carregado de simbologia surrealista.

O ministério do coração humano, a noite com suas conotações várias e o mar, sempre o mar como cenário e como envolvimento — são elementos constantes nos poemas. Mas, os temas do naufrágio sempre iminente e da morte espreitando e ceifando incessantemente são constantes inevitáveis. Sua apresentação dá-se, às vezes, sob a forma de estranha narração:

"dois mortos permanecem na cabine do avião submerso: o contrabandista e a mulher ele a cintura coberta de jóias ela pintada a pintura desbotada

dentro do aquário-avião permanecem
 e os peixes olham enternecidos"

Outras vezes, a morte envolve-se numa tragicidade poética:

"a lua desceu
 com rosa na boca
 em fins de abril
 e
 a morte cresceu
 a morte cresceu
 três vezes então"

Ou ainda, unindo o exterior e o interior, num todo único:

"a ponte (a ligação)
 caiu morta no mar
 a vida (o coração)
 caiu morto no mar
 (âncoras suspensas para as grandes descobertas)"

Nesse volume merecem destaque poemas como "Variações sobre a Força", que encobrem uma fascinante tragicidade e a série "Quadros de Chagal" — flashes que captam a mesma sutileza surreal do genial pintor.

O terceiro livro é PAISAGEM MÓVEL (Coedição Movimento/UDESC, 1973). A arte poética de Pedro Garcia continua evidenciando neste livro um esmerado artesanato, uma rigorosa busca da palavra poética. Seu poema não é uma fluência leve e gratuita. É antes fruto de uma contínua luta pela expressão, de uma hábil carpintaria. Continua a mesma busca da ex-

pressividade gráfico-visual e sonora. Mas, talvez possamos perceber um movimento até certo ponto mais voltado para o concreto, sem radicalizar tanto a desestruturação do real pelo surreal. Talvez isso ocorra devido à maior racionalização em poemas como: "Variações sobre a Pedra", "Variações sobre a Cidade", "Variações sobre a Dor" ou "Variações sobre o Peixe", que ocultam uma grande beleza, mas uma beleza de ordem mais intelectual do que sensível. Essa racionalidade, no entanto, também escapa da lógica, aproximando as mais díspares conjecturas como possíveis "causae-mortis" no "Atestado do Óbito", verdadeira enumeração caótica.

Em consequência da alogicidade, o autor pode chegar a conceitos tão surpreendentes na sua original visão, como neste poema sobre o homem:

"O homem é um animal fantástico estranho e bonito que aprendeu a nadar e peio espaço a fora nada:
 pés e mãos braços e coração ele vai
 foi ontem que saiu de sua toca".

E essa transracionalidade permite abordar sempre de novas formas o tema tão presente anteriormente como o da morte:

"a morte se travestiu em peixe
 em pássaro
 para passear entre actínias fosforescentes
 a morte se travestiu em dona
 e assentou-se à mesa
 e bebeu vinho (muito)
 e copulou travestida em mulher
 proliferou".

Finalmente, estamos ante seu último livro: TRAPÉZIO & TRAPEZISTAS. continua sua força poética a explorar a alogicidade do surreal:

"nas manhãs dos dias Sísifo estóico espera o Sol
 para que o verde dos campos não congele seus ossos perenes".
 E sua força lírica cria, em versos poucos, profundas realidades:
 "postou-se fevereiro em chuva

e o cinza coloriu o ar da ilha

o mar encheu-se de barro e o desamor habitou a terra".
 Mas, o espírito do poeta também se descontrai num certo humor desmistificatório, como no "Poeminha Pedagógico I":

"Sansão perde a força porque perde o cabelo —

mas não porque sua força residisse no cabelo perdido e sim porque sua figura cabeluda gerava medo"

Ou ainda, reveste de poeticidade e de sugerências situação aparentemente banal como em "Coincidência & Desencontro":

"na margem esquerda me acompanha a bela

na margem direita eu acompanho a bela

mas não nos acompanhamos: andamos na mesma direção"

A poética de Pedro Garcia revela uma profunda atividade lúdica, não gratuita e sem sentido, mas de um contínuo rigor artesanal na seleção e no manejo da palavra. Não é uma poesia sentimental, expressão sensível da emoção, antes até por vezes densamente racional, embora não fria.

Trazendo a marca da civilização moderna, da tecnologia, da coletivização, e do desaparecimento do homem, traga do por esse monstro artificial ("a cidade engole o homem"), verifica-se uma redescoberta, sob outra perspectiva, da natureza sacrificada. Sua emoção é comedida, controlada, destilada da razão e da inteligência e nunca duma sentimentalidade romântica. Se é constante a imagem do peixe, este — com seu corpo escorregadio e deslizar ágil para contornar os obstáculos e evitar os perigos, com sua necessidade absoluta de viver no seu ambiente próprio — com essas conotações, este é a imagem da liberdade, da aspiração a evitar o esmagamento e a asfixia por um mundo desnaturado, por uma civilização artificial, por uma sociedade inautêntica. O poema de Garcia é denso, carregado de simbologia, entregando-se lenta e progressivamente ao esforço interpretativo do leitor. É poema para ser lido e relido, sem pressa nem ânsia.

OPINIÃO O Brasil (só o Brasil?) se curva diante de Santa Catarina

Gervásio Tessaleno Luz

Atravessado na garganta sempre esteve o "slogan" "Santa Catarina — o Piauí do Sul". Coerente com esta posição, advogando nossos justos direitos entoando loas aos reais valores que d'além fronteiras tornaram-se "VIP'S" tupiniquins. ("VIP'S" — "very important persons or peoples", como queiram).

Seria óbvio citar Verinha Fischer como nossas entradas e bandeiras no território nacional. Vera não é sucesso nacional, é êxito brasileiro (questão de brasileiroismo: sucesso é puro anglicismo).

O desfile começa com a Aldeia Global (leia-se canal 3): Pituca, ex-autor de chanchadas dos tempos dos Oscaritos e Grandes Otelos, hoje produtor de humorísticos, tipo "O Planeta dos Homens"; Regina Vianna, que garantiu seu nome nas novelas de horário nobre (vide a lésbica de "O Rebu"); Telma Elita, de apresentadora do "Fantástico" à mulher do Assunção em "O Astro"; o galã Fausto Rocha, de Joinville (o Jorge de "Te Contei?"), para não falar no canastrão Tony Ferreira, que ainda arrisca aparições em recentes filmes nacionais, como "O Seminarista".

No jornalismo, uma glória catarinense. De Itajaí pro Brasil, o pioneiro da crônica social: Maneco Müller (este

sim descendente de Lauro Severiano Müller). Nosso Jacintho de Thormes da "Última Hora". Do mundanismo evoluiu para a crônica pebolística e hoje entrevista qualquer personalidade para o "Jornal do Brasil". "O Gip Gip Nheco Nheco", do "Pasquim", conta

para a popular, vale registrar que Aírto Moreira dá lições de jazz aos norte-americanos.

Ex-ator de cinema, televisão e teatro em nosso país, o blumenauense Jean Laffront brilha sua estrela nas ribaltas lusitanas.

Salim Miguel e Eglê Malhei-

"Lance Maior", "A Guerra dos Pelados", "Aleluia Gretchen" e do projetado "A República dos Guaranis".

Por questão de prudência — "caranguejo velho não sai da toca com maré baixa" — os expoentes políticos ficam na geladeira neste balanço de talentos.

Resta a literatura... De Cruz e Souza para cá, nenhum nome causador de divisas. O universalismo do "Cisne Negro" impediu-o de vestir a camisa do Catarina Lítero Clube. Sílvio Romero considerou Luís Delfino dos Santos "o maior poeta do Brasil". E daí? Pura opinião pessoal. Apenas a crítica, nunca o público, viu algum valor nos textos de Lausimar Laus, Flávio José Cardoso e Ricardo Hoffmann.

No território das letras há que ficar — incontornável alternativa — com Nelson Rodrigues, o das frases contundentes. "Não existe literatura em Santa Catarina", vociferou o autor de "A Dama do Lotação". Ou então partir para a velha historinha da BR-101. Um para o Rio Grande do Sul, com Érico Veríssimo. O outro algarismo valioso para o Paraná, com Dalton Trevisan. E para nós, herdeiros dos carijós, o consolo do zero, o consolo do nada...



com um bom desenhista, o catarina Redi.

Músico nobre, o brusquense Edino Krieger, além de maestro, também escreve artigos apeteceíveis na imprensa carioca. Pulando da erudita

ros (da extinta revista "Sul", o marco do modernismo em nosso Estado) até Machado de Assis ("A Cartomante") transportaram para a tela. Cineasta mesmo, no entanto, é Silvio Back, dos decontados

Lojas **Arapuã S.A.**

Grupo Fenícia



DA O TREVO DA COPA

RUA XV DE NOVEMBRO — BLUMENAU — STA. CATARINA

Atendimento Especializado em:
 FOTOCOPIAS, QUALIDADE E PRECISÃO EM SEUS SERVIÇOS.

Fotótipos, Clichês, Desenhos, Composições, e Fotocomposições.

Rua Arvin Schrader 100 (lado p/ BR 101)
 Fone (0473) 22-2694
 Blumenau - SC

INFORMAÇÕES

I Concurso Nacional de Contos "Pena Aymoré"

O I Concurso Nacional de Contos Pena Aymoré é destinado a todos os escritores brasileiros, natos ou naturalizados, residentes em todo o território nacional, tendo como tema o índio brasileiro.

Você pode concorrer com um ou mais contos, inéditos, sob pseudônimo, datilografados em três vias, em espaço dois, com o máximo de 25 laudas.

Em anexo, envie um envelope contendo a identificação do conto, e mais seu nome verdadeiro, dados pessoais e endereço completo.

Os trabalhos deverão ser enviados para : I Concurso Nacional de Contos Pena Aymoré, e endereçados à rua Sergipe, 1.492 — Belo Horizonte, MG — até o dia 15 de julho.

Os prêmios valem a pena, veja só:

1º. colocado: Troféu Pena Aymoré de Ouro e mais Cr\$ 30 mil em dinheiro.

2º. colocado: Troféu Pena Aymoré de Prata e mais Cr\$ 15 mil em dinheiro.

3º. colocado: Troféu Pena Aymoré de Bronze e mais Cr\$ 10 mil em dinheiro.

A comissão julgadora é for-

mada pelo Oswaldo França Jr., Roberto Drummond e Wander Piroli.

Os contos vencedores serão publicados pela imprensa de Belo Horizonte, e seus autores receberão os prêmios no dia 20 de setembro, em sessão solene na sede da Produtos Alimentícios Cardoso, fabricante dos Biscoitos Aymoré, em comemoração do seu 20º. aniversário.

III Concurso de Contos

REGULAMENTO

1. A Fundação Educacional da Região de Blumenau (FURB), está lançando o III Concurso de Contos, edição 1978.
2. A inscrição é livre. Com exceção dos autores que já tenham publicado em livro (obra pessoal ou coletiva), poderão concorrer candidatos de todo o Estado catarinense, naturais ou aqui radicados, com qualquer grau de instrução e com qualquer idade.
3. Cada autor deverá apresentar 2 (dois) contos originais e inéditos, identificados somente por pseudônimo.
4. Os trabalhos deverão vir acompanhados de um envelope menor, fechado, contendo uma folha com o pseudônimo, o nome verdadeiro do concorrente e o seu endereço.
5. Os contos deverão ser encaminhados em 3 (três) vias, em papel tamanho ofício, datilografados e em um só lado da folha. Todos os processos de reprodução (xerox, fotocópias, etc.) serão admitidos.
6. Não há limite máximo ou mínimo para o número de páginas ou palavras de cada conto nem prescrições quanto a forma e conteúdo.
7. Em nenhuma hipótese serão devolvidas as cópias dos contos concorrentes, premiados ou não.
8. Os trabalhos deverão ser entregues até o dia 30 de setembro de 1978 para: Setor de Divulgação e Cultura da FURB/Rua Antônio da Veiga, 140 — Caixa Postal 7-E/.. 89.100 — Blumenau — SC.
9. Os direitos autorais dos contos premiados serão transferidos à Fundação Educacional da Região de Blumenau, a qual publicará em livro os contos dos cinco primeiros colocados.
10. Os trabalhos deverão ser remetidos até o dia 30 de setembro de 1978 para: Setor de Divulgação e Cultura da FURB/Rua Antônio da Veiga, 140 — Caixa Postal 7-E/.. 89.100 — Blumenau — SC.
11. A Comissão Julgadora do III Concurso de Contos da FURB será composta por três nomes especialmente convidados e ligados ao meio literário catarinense.
12. Os casos omissos serão resolvidos pela entidade promotora.



**MATERIAL
ELÉTRICO**

**INSTALADORA
BLUMENAU**

F: 22-1264

Rua XV de Novembro, 1409
Rua 2 de Setembro, 3811

F: 22-4592

TIPOGRAFIA LUCHETTA LTDA.

IMPRESSOS EM GERAL

"ATENDEMOS BEM PARA
ATENDER SEMPRE".

BLUMENAU: Rua Floriano Peixoto, 200 — Anexo
ao estacionamento Golden Star.

ITAJAÍ: Rua Hercílio Luz, 309 2º. andar — Sala
8 - fone 44-0315

UNIVERSIDÉIAS

Crônica do Presidente

Silvio Borges de Jesus

Ao comemorarmos o XIV aniversário da FURB, nada mais justo que, num preito de homenagem de seus filhos, discorrermos, nesta crônica, de alguns fatos históricos pouco conhecidos da maioria dos universitários e em seguida, tentar estabelecer um paralelo entre os diversos períodos de condução, pelos quais o ensino superior em Blumenau esteve envolvido, e mais atualmente, as perspectivas do futuro.

O movimento universitário iniciou-se com a mobilização, em 1965, de várias forças da comunidade. Entre uma faculdade de Filosofia ou Economia, dividiam-se as correntes, que tiveram a virtude de despertar a Cidade e talvez a região em torno da idéia da implantação do ensino superior.

De prático, contudo, pouco aconteceu.

No final de 1963 após oito anos de escaramuças, consolidou-se mais e mais a necessidade de implantação da primeira Faculdade. Foi em princípio de 1964, através da Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí-AIRVI, que acelerou-se o processo através de campanhas de divulgação e conscientização pública do importante empreendimento.

O prof. Martinho Cardoso da Veiga, empunha, como no passado já havia feito, a bandeira da implantação. A Secretaria de Educação de São Paulo enviou, na época, duas técnicas em ensino superior, que em Blumenau desenvolveram seu trabalho no sentido de orientar o processo. A convite do Prof. Martinho Cardoso da Veiga, os Professores Milton Pompeu da Costa Ribeiro e Rivadávia Wolstein, ambos do Colégio Santo Antonio, elaboraram um Regimento da então já decidida Faculdade de Economia, graças a iniciativa do Poder Público Municipal. O Prefeito Hercílio Deeke, encampanando a idéia e envia à Câmara um Projeto de Lei, criando a Faculdade de Ciências Econômicas de Blumenau. Este instrumento e mais o Regimento elaborado, são submetidos ao Conselho Estadual de Educação, na época sem nenhuma experiência na análise de semelhante processo. Na oportunidade o CEE, por autorizar

o funcionamento, exigiu que o Corpo Docente fosse apresentado, junto com o projeto do Regimento. Realizou-se curso de títulos para provimento das seis disciplinas iniciais do curso.

A primeira congregação, que ficou constituída pelos Professores Martinho Cardoso da Veiga (História e Formação Econômica do Brasil) Prof. Milton Pompeu (Introdução à Economia) Gentil Telles (Instituições de Direito Público e Privado) Rômulo Silva (Contabilidade Geral) Rivadávia Wolstein (Complementos de Matemática), Padre Orlando Maria Murphi (Sociologia Geral) e o Secretário da Congregação, Prof. Diderot Carli. Em tramitação record foi autorizado o funcionamento da Faculdade a 2 de maio, quando realizou-se no auditório do Colégio Santo Antonio, a Aula Magna, já realizado o Vestibular, proferida pelo ilustre Prof. Alcides Abreu.

Este marco sobre o qual se apoia o primeiro instituto do ensino superior no interior do Estado de Santa Catarina.

Em 1967, o Prefeito Carlos Curt Zadrozny, sensível à reivindicação dos Professores de Economia e da aspiração da mocidade de Blumenau, cria, novamente por Lei Municipal, a FURB — Fundação Universitária de Blumenau e amplia as unidades de ensino superior, criando as Faculdade de Ciências Jurídicas e Filosofia, cujos Diretores foram respectivamente os Professores José Fernandes da Câmara Canto Rufino e Rivadávia Wolstein.

Forma-se em 1967, em memorável soleñidade, a primeira turma de economista, tendo como patrono o Prefeito Dr. Carlos Curt Zadrozny e Paraninfo o Prof. Milton Pompeu da Costa Ribeiro.

Entre os formandos, o atual Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, Prof. Léo Arno Probst.

Em 1968, 24 de dezembro, a comunidade blumenauense e do Vale do Itajaí, ganha como presente a sanção da Lei que instituiu a Fundação Universitária Regional de Blumenau, nomeando-se, numa inovação no ensino superior a chamada Reitoria Colegiada, composta pelo Professor Martinho Cardoso da Veiga, Reitor, Prof. Milton Pompeu, Vice

Reitor de Administração e o Prof. José Fernandes da Câmara Rufino, Vice Reitor de Ensino.

Em 1970, a Reitoria, já regime tradicional foi exercida pelo Prof. Padre Orlando Maria Murphi e o Vice Reitor Prof. Lourival H. Saade, os quais exerceram os seus mandatos até 1974, sendo neste ano substituídos pelo Professor Ignácio Ricken na Reitoria e Renato de Mello Vianna na Vice Reitoria, que posteriormente foi substituído pelo Prof. Pedro Reis Jr. Em 1978, assumiu a Reitoria o Prof. José Tafner e a Vice Reitoria o Sr. Mário Wiesentainer.

O primeiro período da administração caracterizou-se pela mobilização comunitária, pelo quase aventurismo na implantação e desenvolvimento do ensino superior no interior de Santa Catarina.

Cumpriu-se, sem sombra de dúvida, com rara propriedade os objetivos pelos quais a Instituição havia sido criada. Uma Instituição ampla, aberta ao diálogo com a participação de todas as forças vivas de Blumenau e do Vale do Itajaí. O exemplo mais claro, foi o movimento pró sede própria, originário nos Clubes de serviços com a adesão de toda a comunidade do Vale do Itajaí, presidida pelo industrial Cassio Medeiros e coordenada pelo Prof. Milton Pompeu da Costa Ribeiro, que dotou a Furb dos tres blocos iniciais que hoje compõe a sua sede.

Houve a participação e a colaboração, do mais humilde operário ao mais abastado industrial.

O segundo período caracterizou-se pelo reconhecimento dos vários cursos que compunham a Instituição, o que realmente ocorreu.

Apesar de uma administração autocrática em que a característica fundamental era a concentração de poder e a inviabilidade do diálogo, ao contrário do período anterior.

O terceiro período se imaginava dever ser de consolidação da Instituição e de afirmação para o seu desenvolvimento sólido, equilibrado, caracterizou-se pela instabilidade, e indecisão.

Discutiu-se na época a implantação de um grande "campus" universitário, quando as necessidades mais prementes

do aprendizado não eram atendidas.

A Faculdade de Engenharia, formando topógrafos, nas palavras do próprio Reitor.

E no entanto se sonhava com o "campus" e se esquecia das grandes necessidades de equipamentos, de aperfeiçoamento de Professores, necessários à formação profissional eficiente a adequada do estudante.

Mas, a Furb cresceu. Felizmente a idéia do "campus", deu lugar ao esforço no sentido do aperfeiçoamento do corpo docente, para onde se canalizou recursos.

Ressente-se hoje, tendo como origem o período anterior, de uma estrutura administrativa capaz de propiciar os meios necessários e eficientes para a consecução dos seus objetivos finais.

Inaugura-se neste quarto período ao que parece uma nova mentalidade administrativa, caracterizada, neste início de gestão, por uma série de medidas pouco ortodoxas no campo administrativo.

Na primeira semana de gestão são demitidos os responsáveis pelas atividades "meio" da Universidade, substituindo-as, ainda não se sabe por quem.

É difícil nesta hora bancar-se o futurólogo e visualizar-se o futuro. Não se sabe o que o Reitor deseja, porque ainda não falou. Não se sabe qual será a estrutura a vigorar, porque as suas primeiras providências foram mutilar a existente.

Não se sabe qual a tônica, se o diálogo ou o monólogo, porque ao que se sabe, até o momento nem os órgãos colegiados conhecem seus planos, não tendo havião sequer qualquer discussão sobre as tomadas de posição da Reitoria.

Quais são os rumos, quais são os meios, o que faremos, nada disso se sabe, dando a impressão nítida de que o atual Reitor foi pego de surpresa, aliás o que surpreendeu a todos, pois ninguém poderia esperar que um dos mais novos Professores da Furb acabaria Reitor. Aliás uma verdadeira ascensão meteórica.

O que nos aguarda? Qual o futuro da Instituição?

Privatização descoberta ou o encontro de meios capazes

UNIVERSIDÉIAS

de sensibilizar as esferas estaduais e federais?

Se a privatização, até quando pode suportar o nosso estudante a escalada das anuidades.

Se a participação das esferas estaduais e federais, como conseguiu, se as últimas gestões nada obtiveram.

Em qualquer hipótese, qual a orientação que está sendo imprimida à Furb (O Reitor

não falou). O que nós estudantes devemos esperar?

Melhoria no ensino, que é o nosso desejo, diminuição no ritmo da escalada de mensalidades, que é a nossa expectativa de sobrevivência, enfim, quais os rumos?

Cá estamos nós numa Instituição adulta e com 14 anos de existência, quatro mil alunos, segundo o Reitor, numa Instituição de Direito Público (sem discussão do mérito

jurídico) subvencionada pelo poder público e com tão altas mensalidades a onerar o pobre estudante, que recebem tão pouco na contrapartida.

É chegada a hora, meu colega, do estudante participar efetivamente daquilo que é o seu próprio destino. Temos dito e reafirmamos aqui, que a nossa participação é fundamental, e que também é fundamental que a Administração

da Universidade nos respeite e saiba reconhecer a Nossa existência.

Nestas comemorações do 14 aniversário do ensino superior em nossa Cidade é mister que fique claro % que o estudante já amadureceu, sabe o que quer, deseja o diálogo e exige a participação, pois afinal devemos admitir que frequentemente uma Instituição adulta e que deve reagir nestas condições.

Isto não me é estranho!

Semana passada ouvi umas narrativas do Gabosa, um amigo meu que me acompanha nos meus acertos e desacertos por este mundo incerto quando retornou de sua última viagem pelo Mesuquistão do Sul. Não sei se já lhes falei, mas Gostaria de ter o poder de Descrição e observação do Gabosa, poucas pessoas possibilidades de viajar pelos confins deste mundo, principalmente à sua maneira.

Sábado passado enquanto conversávamos e tomávamos uma garrafa de vinho do porto (Porto União naturalmente) contou-me ele que a maior parte dos países que compoem o Mesuquistão do Sul, são administrados por governos totalitários ou por pseudo-democracias, para os quais direitos humanos é permitir que as pessoas venham ao mundo, já

que tornar suas existências insuportáveis é atribuição do estado.

Reconheço que é inconcebível, mas o Gabosa me disse que basta um turista incauto que consiga romper as difíceis barreiras burocráticas aventurando-se à países ideologicamente contrário ao "sistema", para que seja devidamente interrogado quando do retorno na própria estação de passageiros, antes mesmo de ter contato com seus familiares. Particularmente acho que tal atitude faz sentido, pois se o elemento não se "comportou direito" é mais fácil providenciar o seu retorno.

Constituição, é o nome de um periódico que não é muito levado a sério uma vez que muita frequentemente a sua linha de publicação; neste a censura não atua (não é preciso). O

governo deixa que publiquem coisas como respeito, igualdade, fraternidade, direitos humanos, enfim todas as coisas que podem ser transgredidas legalmente por atos de exceção. Pouco antes de retornar o Gabosa soube que uma nova edição já estava no prelo mas que motivos de ordem "técnica" estava um tanto atrasada. E que os autores descobriram que não existe democracia relativa; porem com o malabarismo semântico" tão em voga para iludir os incautos cidadãos, descobriram uma saída intitulada "Salvaguardas alguma coisa" e o periódico vai sair.

La, contou-me êle, as leis são feitas para o povo, agora, se são feitas pelo povo, é outra estória. O governo afirma que é, porém, na época em que lá esteve o congresso es-

tava em recesso por não aprovar determinada matéria de interesse do governo, naturalmente achei isto um absurdo tão grande que não dei maior atenção, enfim, se o Gabosa disse é porque alguma verdade havia nisto tudo. E assim muitos outros fatos me foram narrados e se não houve "motivos de ordem técnica" lhes transmitiremos oportunamente.

Bem minha gente, qualquer semelhança dos fatos aqui narrados com fatos locais e atuais, gostaria de lembrar-lhes que é mera coincidência, assim como os "discos voadores" apareceram em diversas partes do mundo ao mesmo tempo. Aliás, la no Mesuquistão do Sul talvez atribuíssem tal fenômeno a armas secretas de comunistas.

Dianari M. Branquinho



MINI MERCADO FIAMBRERIA GLOBO

Rua XV de Novembro, 1464
(em frente ao Banco do Brasil)

Fone: 22-5036
Blumenau Santa Catarina

ENTREGA A DOMICILIO

CALCULADORAS CIENTÍFICAS E FINANCEIRAS

HP-21, HP-22 e HP-25



ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA
CÓPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296
Blumenau Santa Catarina

FICÇÃO

HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LEITURA.

Rua Itamonte, 58
Rio de Janeiro (RJ) — 20.000.

ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA
Rua Monte Alegre, 1434
05.014 — São Paulo — (SP)

UNIVERSIDÉIAS

A democratização do ensino também virá?

A Universidade atual, vive um momento de transição. Nesta situação, em que se enfraqueceu e desmoronou o poder da estrutura arcaica, dos catedráticos e congregações e assumiu o poder centralizado do MEC, Secretarias de Ensino e super-reitores, existem grandes condições de avanço das forças populares na Universidade. A luta pelo atendimento dos anseios de todos os estudantes e professores, por ganhos e avanços ao nível da Universidade, cresceu decisivamente no ano de 1968 e foram alcançadas grandes vitórias, apesar de sérios desvios na condução dessas lutas. Houve uma certa euforia no momento desses avanços e se caiu, de certa forma, em uma posição idealista e de direita. Exemplo disto são as proposições de "Universidades Paralelas", "Universidade Crítica e "questionamento da Universidade. Todas essas proposições levaram a classe ao imobilismo e ao reformismo, pois pretendiam transforma-

ções globais que situariam a "Nova Universidade" em função dos interesses do povo, em contradição com a sociedade dominada e oprimida.

É bom ter claro que se, no momento, podemos obter grandes vitórias parciais elas se situam ao nível do poder vigente e que não poderemos ultrapassar esses limites na Universidade, a não ser quando da redemocratização de País, com a extinção do 477 e revisão dos Regimentos internos e Estatutos das Universidades.

Quais então os nossos interesses gerais? Quais os nossos anseios ao nível do ensino e ao nível da produção?

Ordenando e sistematizando objetivos e idéias é que se pode sintetizar as linhas de uma Universidade que atenda tais interesses e anseios:

1 — Uma Universidade Nacional, ou seja, voltada para o desenvolvimento independente da Nação, voltada para o desenvolvimento das forças produtivas, pa-

ra o aproveitamento integral de nossas riquezas em benefício integral de nosso povo;

2 — Uma Universidade Democrática, dirigida por alunos, professores e funcionários e voltada para os interesses do povo. Uma Universidade aberta com acesso crescente do povo, gratuita e capaz de auxiliar e assistir aos estudantes nas suas tarefas de estudos;

3 — Uma Universidade moderna na sua estrutura e nos seus métodos didáticos, no seu processo de formação;

4 — Uma Universidade voltada para a pesquisa científica e tecnológica, que consolide nossa libertação do controle estrangeiro; uma Universidade onde a realidade do povo brasileiro seja objeto de estudo e pesquisa enfim, uma Universidade voltada para o atendimento do povo em todos os níveis; profissional, científico e cultural.

Jerônimo A. Nobre

CULTURA: PENUMBRA QUASE DE ALCOVA

Fred Richter

Pois em muitos cantos do mundo se fala de crise da cultura, das artes e que os poderes públicos não apoiam os artistas, não fecundam com dinheiro as iniciativas de terceiros. Uma mentira generalizada — Pois onde o apoio existe, continua a cultura em crise. A cultura não se salvará com ajudas. Só se salvará com o apoio a sua existência clássica: o confronto do homem com a sua consciência, pois cada homem (o autor e o povo) é o ator é o ator e o autor da sua própria história. Disse o confronto do homem com sua própria consciência. A cultura está invadida de sentimentos impostos, está absolutamente corrompida pelo fausto de umas exigências que estão a mais e não fazem parte de sua essência vital e dinâmica: projetar a esperança.

Exigências que são luxo, pura materialidade, um agarrar a gostos estragados, um servilismo a falsas problemáticas e contextos, um fingir de atitudes, de palavras que servem para encobrir o pensamento e a intensão e não palavras nuas e abertas, que são expressão fiel dessa intensão e desse pensamento.

Sim, a cultura não está hoje pobre porque lhe faltam recursos de assimilar, de competir com as constantes inovações e recursos da ciência. Está pobre porque quer competir e buscar uma analogia onde não há analogia. Os efeitos externos não são inerentes às obras culturais (nem à cultura Pop, cultura Rock, nem à cultura mecanizada). E como não há dinheiro que baste para alcançar a ilusória miragem dos efeitos externos (a

opinião pública), fala-se de "crese" da cultura, dos poderes públicos que não apoiam os artistas... A mais descarada mentira do nosso tempo.

Tomemos por exemplo o teatro. Pedir dinheiro para encher o palco com efeitos de luz, música, rugidos, ritmo de dança, nuvens de fumaça, etc. é encher a boca de gulosos insaciáveis. Os gregos e romanos não precisavam de efeitos de luz: representavam ao ar livre com o sol a pino.

Pergunto: onde resistiria hoje qualquer peça dita moderna a uma prova de exclusão como esta? O teatro procura a noite cúmplice, as penumbras quase de alcova onde anda prostituído; assim como a música, a pintura e as letras.

É uma cultura de sentimentos monetários, isto é, que se veste demais, que se cobre em

vez de se desnudar depois ou despir-se de todo o acessório. É uma cultura que não vive do diálogo, da palavra viva e conflitiva. Vive mais do que não é palavra: a luz, o som, os efeitos especiais dos recursos da técnica.

E nutre-se de complexidades aparentes, sem substância. A cultura não precisa do inexacto. Este só está a corremper a sua essência. A melhor ajuda que podem dar à cultura é não dar-lhe ajuda alguma. Isto a obrigará a voltar a si mesma. A fome de uns tempos será a melhor arma a reconduzir a sua sagrada e eficaz autoridade. A cultura basta-lhe apenas o pão que é a palavra e a água que é, digamos, o espírito, o eu engravado na palavra. A cultura a pão e água, a cultura essencial, a cultura para sempre.

Formandos de Engenharia - julho de 1978

Já com data marcada para formatura da 2ª. Turma de Engenharia da Furb.

Os dias escolhidos são: 07.07.78 Colação de Grau — 08.07.78 Realização do Baile.

Serão 18 formandos, sendo 14 da Engenharia Civil e 4 da Engenharia Química.

ENGENHARIA CIVIL

- 1 — Paulo Roberto dos Santos
- 2 — Ivar Scotti Bastos
- 3 — Lucy M. Miranda
- 4 — Sandra M. Schultz
- 5 — Johmi Koch
- 6 — Renato Rubens Sasse
- 7 — Edson B. Ribas
- 8 — Clóvis Dobner
- 9 — Paulo Boamar

- 10 — Domingos Beduschi
- 11 — Mauro Tafner
- 12 — Fulvio Corrêa
- 13 — Celito L. Cizeski
- 14 — Arlon Tonolli

ENGENHARIA QUÍMICA

- 1 — Vera Lúcia Pontaldi
- 2 — Rubens T. Varela
- 3 — Manuel D. Ferreira
- 4 — Ademir Raquel

UNIVERSIDÉIAS

ECOLOGIA

Comportamento humano e conservação da natureza

O modelo de desenvolvimento econômico e social vigente no mundo de hoje traz como sub-produto indesejável a deterioração rápida da qualidade de vida. Se, por um lado o grande avanço tecnológico e científico tem ampliado a expectativa de vida e diminuído a incidência de doença endêmicas e contagiosas que flagelavam a humanidade, por outro lado, a superpopulação e a degradação ambiental tornaram-se novos e graves problemas e serem equacionados e enfrentados pelo homem.

A década de sessenta foi marcada por grandes debates que envolveram a problemática da superpopulação e da degradação dos recursos naturais. Esses debates extravazaram a esfera restrita dos meios científicos e acabaram envolvendo a opinião pública de todo o mundo, dada a facilidade de comunicações. Grupos de pessoas, que se auto-denominaram de conservacionistas, desde cedo perceberam que a humanidade se encontrava diante de uma nova realidade grave e perigosa para o futuro e, que medidas efetivas deviam ser tomadas pelos governos para evitar-se uma catástrofe ecológica passível de tornar inviável a vida sobre o planeta.

Um outro grupo de pessoas, mais otimistas, considerando as posições conservacionistas muito extremadas, no início ainda acreditavam que essa realidade tinha sido criada pela tecnologia e, que a própria tecnologia encontraria as soluções possíveis. Por isso, não haveria razão para alar-

me. Os dois extremos de pensamento se digladiaram até que fatos científicos, veiculados à imprensa especializada e leiga de todo o mundo, colocaram o problema dentro de suas dimensões reais.

A superpopulação, de causa única, passou a ser encarada como uma das causas da rápida degradação ambiental, ao lado de desperdício incentivado pela sociedade de consumo e paralela à má distribuição desses recursos entre as diferentes nações. A rápida urbanização da sociedade humana e, a concentração regional e desigual das riquezas, com a conseqüente marginalização das populações rurais, são outras das causas da violenta queda da qualidade de vida do homem moderno.

De qualquer forma, formou-se uma nova consciência especialmente dentro dos meios científicos e, entre as camadas mais jovens da população humana, sobre as relações do homem com a natureza que o envolve e da qual ele é parte integrante. Conceitos, antes restritos a especialistas, começaram a se tornar populares. Ecosistema, poluição, cadeia alimentar, equilíbrio ecológico, são alguns dos termos que hoje frequentam com desenvoltura as páginas de jornais e revistas e as telas dos cinemas e da televisão.

Contudo, desde os primórdios de sua existência na terra, as relações do homem com a natureza tem sido relações do tipo senhor e servo. Cabia ao homem em seu proveito próprio usufruir de todas as demais formas de vida da ma-

neira que ele considerasse a mais conveniente, esquecendo-se de sua posição de total interdependência. Essa modalidade de comportamento, estratificada de geração a geração, deixou marcas profundas no homem moderno. Daí a relutância em passar-se para medidas efetivas de convivência pacífica e de respeito com a demais coisas da natureza. Relutância e resistência desse tipo ficam evidenciadas em grupos que ainda tentam confundir política de conservação dos recursos naturais com tentativas de frear o desenvolvimento. Esquecem-se essas pessoas que o desenvolvimento econômico e social são duradouros se baseados em reservas renováveis de fontes energéticas e, em quantidades sempre disponíveis de matérias primas. Para tanto o inevitável e urgente passo a ser dado é o do disciplinamento do crescimento econômico e social, com economia dos materiais, com a revisão das necessidades reais de consumo e com a reintegração do homem dentro do complexo quadro da natureza.

Dentro dessa estratégia pela sobrevivência do homem e pela melhoria crescente de sua qualidade de vida é indispensável uma mudança de hábitos, de comportamento.

Não podemos mais viver o esbanjamento do dia a dia na crença infundada de que a natureza é uma fonte perene e inesgotável das coisas de que necessitamos. Temos que passar de senhores a irmãos dos recursos da natureza, os quais devemos utilizar racionalmen-

te, com sabedoria e com respeito.

A conscientização individual e coletiva de que, apesar de nossa inteligência infinita, somos um produto feliz da evolução natural, deve ser a base de nossas próximas ações se quisermos viver longo tempo e de maneira agradável neste pequeno, mas, agradável planeta.

O sentido do alto valor das coisas comuns deve ser norma básica a reger as comunidades. A ninguém é lícito comprometer os recursos naturais, mesmo sob o falso argumento de estar gerando riquezas ou empregos, pois é perfeitamente possível fazer tudo com respeito às coisas comuns.

É aqui que a educação tem seu papel relevante. Todos os tipos de educação, formal ou informal, em todos os níveis, devem ser envolvidos com urgência na tarefa de devolver o homem ao seu ambiente natural e, conseqüentemente alogar a vida útil do planeta. As recentes pesquisas espaciais trataram de derrubar a última trincheira dos otimistas, pois mostraram que é extremamente remota a possibilidade de abandonarmos o planeta terra, depois que o destruímos, e migrar para outro planeta qualquer.

Num raio de 50 milhões de anos-luz a terra é o único planeta capaz de suportar a vida como a conhecemos e, talvez nunca chegaremos a conhecer, se é que existem, outras formas de vida.

Alceu Natal Longo
Assessoria Especial de Meio Ambiente da PMB

OS PODEROSOS CARTOLAS

Mais uma vez, ficou evidenciado a falta de interesse de nossos universitários com relação aos jogos universitários realizados durante os dias 20 a 23 do mês de abril.

Verificando os numerosos cursos noturnos existentes na Universidade, onde existe uma grande dificuldade de se motivar os estudantes para uma competição deste nível; motivação esta, difícil pela diversidade de origens, estamos sujeitos ainda a a uma má orga-

nização ou infelicidade de iniciativa desta mesma organização.

Observamos como destaque o fato acontecido com o selecionado de futebol de salão do curso de DIREITO, em que o presid. do Dir. Acad. de Direito e pres. do DCE, Silvio Borges de Jesus, numa mostra de centralização de poder, foi o dono do referido selecionado, escalando-se e escalando o time, e cumpre registrar que o pres. nunca jogou futebol em sua vida, entretanto, foi a

"estrela máxima" dos jogos do selecionado.

Fomos inapelavelmente batidos em campo sem podermos mostrar uma grande seleção que poderíamos formar com o número enorme de universitários que infileram-se no curso de DIREITO com comprovadas qualidades futebolísticas comprovadas. Mesmo assim, os cinco elementos que nos representaram, dentro de suas possibilidades, foram os heróis do torneio.

Entendemos perfeitamente

o ponto de vista salientado por um colega, dizendo que disputaríamos o torneio com o intuito sómente competitivo.

Ora colegas, competição sem uma meta desejada não existe.

Esperamos que para o próximo ano alguém tome a iniciativa de organizar melhor os selecionados de DIREITO nas diversas modalidades, acabando com estas individualidades cartoleiras que são parasitas instalando-se em nosso esporte amador.

LIVROS**RECOMENDADOS**

EDITORA RIO

A Evolução do Status Jurídico-Social da Mulher —

Autor: Orlando Soares

Neste trabalho, o autor registra, com espírito crítico, os principais aspectos relacionados às transformações jurídicas, sociais, econômicas etc., através dos séculos, bem como seus reflexos sobre a ascensão social da mulher, na luta pela igualdade jurídica dos sexos.

Literatura Instrumental —

Autor: Wilson de Araújo Melo

Seguindo a mesma linha do já conhecido Português Instrumental, esta obra oferece uma orientação prática acompanhada de toda sorte de exercícios que facilitam a sua aprendizagem sobre a literatura.

Sociologia do Desenvolvimento —

Autor: Pinto Ferreira

O trabalho sistematiza contribuições parciais sobre um problema atualíssimo. A obra decorre numa unidade que não se perturba, com uma duplicidade de interesses para os que ensinam e aprendem.

Estudos de Problemas Brasileiros —

(introdução doutrinária)

Autor: Iale Renan

Neste trabalho, ilustrado por uma série de gráficos explicativos, o autor analisa os aspectos doutrinários considerados como básicos ao entendimento da problemática brasileira.

Prova Pericial —

Autor: Antenor André

A finalidade deste trabalho é propiciar ao leitor os esclarecimentos necessários à elucidação das controvérsias suscitadas pelos litigantes, e capacitá-lo a emitir um pronunciamento judicioso isento de crítica injusta.

Como Entender a Pintura Moderna —

Autor: Carlos Cavalcanti

Trata-se dos problemas da pintura, expressivos e técnicos, no passado e no presente, da maneira mais objetiva e acessível, mesmo às pessoas pouco familiarizadas com o assunto.

Introdução à Sociologia —

Este livro, de Filosofia da Sociologia, se abstendo de juízos valorativos sobre a realidade, na busca dos fundamentos filosóficos da Sociedade enquanto conhecimento científico, destina-se a todos aqueles que militam no campo e interessados no assunto.

História Moderna Instrumental

Autor: G. O. Lagares

Esta obra se destina principalmente aos estudantes de segundo grau e vestibulandos, mas também a universitários e interessados. Compõe-se de duas grandes unidades: uma da História Moderna Universal e outra de documentos da história do Brasil.

EDITORA ÁTICA

Para Gostar de Ler — (Volume 2)

Trazendo assuntos como: a linguagem e o homem, crianças, na condução, no trabalho, no mundo do consumo; Paulo Mendes Campos, Rernando Sabino, Rubens Braga, Carlos Drummond de Andrade, trazem o dia-a-dia da nossa gente, através de crônicas que contam as ansiedades e preocupações do nosso tempo, com lirismo e humor.

Tonico

Autor: José Rezende Filho

História para despertar e criar o gosto pela leitura. Emocionante, cheia de ação, numa linguagem simples e direta, abordando problemas do dia-a-dia, como o dessa história, a luta de um moleque órfão de pai para sobreviver nesse mundo cheio de maldade.

EDITORA SULINA

Adolescência (teoria e pesquisa)

Autor: Berta Weil Ferreira

O mérito deste livro radica na visão extremamente clara e precisa de diferentes teorias com suas respectivas implicações educacionais sobre o adolescente. As qualidades da autora se evidenciam uma vez mais ao tratar de maneira científica, porém plenamente humanista, o difícil tema da adolescência.

Potreiro de Guachos

Autor: Jayme Caetano Braun

Jayme Caetano Braun extravassa, em seus versos, a alma simples do gaúcho. Num estilo oposto ao acadêmico propriamente dito, sintetiza o autor toda a amálgama da vivência do pago, distribuindo, de fogão em fogão, dádivas maravilhosas expressas na simplicidade das rimas e na entonação vibrante dos versos.

Técnicas Comerciais

Autor: Antônio Carlos Malater Gomes

De utilidade indiscutível, este livro didaticamente elaborado, destina-se para os iniciantes do universo das coisas comerciais.

EDITORA ALFA-OMEGA

A Sangue Quente

Autor: Hamilton Almeida Filho

Este livro é a edição do Ex, num relato forte e profundo dos fatos que conduziram e se seguiram à morte do jornalista Vladimir Herzog nas dependências do DOI-CODI de São Paulo.

A Expressão Amazonense

(do colonialismo ao neocolonialismo)

Autor: Márcio de Souza

É um livro especialmente importante para aqueles que procuram avaliar a significação histórica real da cultura brasileira, não só pelo panorama que apresenta da realidade amazonense, como pela posição crítica e interpretativa que oferece ao leitor.

Minha Vida e as Lutas de Meu Tempo

Autor: Elias Chaves Neto

Num período que medeia o final da 2ª. guerra mundial e o Movimento de março de 1964, é acima de tudo uma consideração crítica onde teoria e práticas políticas se fundem para montar um quadro que reflete uma experiência vivida e que ressalta em concreto a luta política brasileira.

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Salmos do Homem Contemporâneo

... Autor: Frei Patrício Sciadini

Dirige-se a Deus com elegância de forma, sinceridade de Fé e calor de emoção, passando a seus leitores, ao mesmo tempo, profunda mensagem de fraternidade, paz e esperança, indispensáveis para que o homem realize sua plena humanidade.

Patética

Autor: João Ribeiro Chaves Neto

1º. prêmio, por unanimidade, no Concurso de Dramaturgia do Serviço Nacional de Teatro, em 1977, obra marcante do moderno teatro brasileiro, confiscada do SNT, durante a

LIVROS RECOMENDADOS

realização do concurso, pelos órgãos de segurança nacional, transformou-se assim na mais momentosa vítima da falta de liberdade de expressão.

EDITORA PAZ E TERRA

A Cozinheira e o Canibal

Autor: André Glucksmann

Neste livro, o autor, interpela inexoravelmente aqueles que silenciam diante dos campos de concentração "soviéticos". Livro que tornou Glucksmann famoso, é uma análise incisiva sobre as relações entre o Estado, o marxismo e os campos de concentração.

Duas Décadas Vulneráveis nas Artes Plásticas Latino-Americano (1950/1970)

Autora: Marta Traba

Apresenta seus conceitos sobre arte de resistência, terrorismo das vanguardas, colonização da arte latino-americana pela chamada estética da deterioração e pela vanguarda no vazio e, ao analisar a arte no Brasil, detém-se especialmente na semana da arte moderna, que absorveu violentamente, o processo cultural europeu.

EDITORA NOVA FRONTEIRA

O Brasil do General Geisel

Autor: Waldemar de Góes

Como o autor desta obra é um jornalista, ela reflete as características profissionais do seu autor, sua intensa curiosidade, sua inquietação e sua formação de cientista social, sempre propenso a procurar nos fatos a dimensão que lhes dá coerência e conteúdo unificado.

Sem Deixar Vertígios

Autor: Charles Berlitz

É um livro cheio de provas e de informações nunca estudadas antes, que o autor emprega para apoiar algumas surpreendentes teorias e explicações referentes ao Triângulo das Bermudas.

A Explosão

Autor: Hans Heinrich Ziemann

Trata de toda a problemática social, política, econômica, cultural, humana enfim, criada por uma usina atômica. Além de ser um ato de denúncia, um grito de alarme, é também um dossiê completo sobre as grandes centrais atômicas.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

A Cortina da Pobreza

Autor: Mahbub Ul Haq

Expõe com lucidez e vigor, e em linguagem simples e acessível ao leitor comum, as gritantes injustiças sociais aceitas e não discutidas nos planos de desenvolvimento moldados segundo os padrões usuais.

EDITORA ZAHAR

O Brasil na Década de 70

Organizador: Riordan Roett

Diretor de Estudos Latino Americano da Escola Superior

de Estudos Internacionais da Universidade Johns Hopkins, examina aspectos do desenvolvimento político e econômico brasileiro; abordando temas como o "milagre" brasileiro, a posição do Brasil na economia internacional, além de análise do Brasil em relação ao terceiro mundo.

Origem e Significado da Escola de Frankfurt

Autor: Phil Slater

Escola de Frankfurt é a designação dada a um grupo de pensadores, entre os quais Fromm e Marcuse e a uma doutrina social específica: a teoria crítica da sociedade. Neste livro o autor reconstitui a história institucional desta escola situando-a no contexto político do colapso da social-democracia alemã.

A Humanidade e a Mãe-Terra

Autor: Toynbee

Neste livro, que é impossível de resumir, o autor reabilita essas civilizações alijadas, essas culturais proscritas, mostrando ainda que apesar da internacionalização dos valores ocidentais, ainda há parcelas inteiras da humanidade, como os camponeses, vivendo na Idade Neolítica.

EDITORA INTERLIVROS

Psicanálise & Sociedade

Tema este abordado por Chaim S. Katz, M. Foucault, C. Garcia, R. Castel, J. A. Guilhan, Albuquerque, onde focalizam a psicanálise sob o aspecto profissional: profissão esta, a de psicanalista ainda não reconhecida no Brasil.

A Afirmção da Mulher

Autores: Stanlee Phelps e Nancy Austin

Numa linguagem clara e direta, são apresentadas soluções práticas para todas aquelas que se sentem constrangidas e oprimidas pelos aspectos discriminadores de sexo de nossa cultura.

EDITORA FORENSE

Vocabulário do Código de Processo Civil

Autor: Alcides Conejeiro Peres

Índice alfabético remissivo do Código de Processo Civil, determina o sentido de palavras ou expressões, em certo artigo ou parágrafo. Operação que não raro exige o confronto entre o texto analisado e outros em que, no mesmo diploma, ela porventura figure.

Comentários à Lei das Sociedades Anônimas (vol. 3)

Autor: Wilson de Souza Campos Batalha

Do artigo 189 ao 300: abordando assuntos desde lucros, dissolução, liquidação a diversos tipos de sociedades comerciais e disposições penais. Além, de se encontrar também no apêndice, Lei nº. 6.385/76.

Curso de Direito da Energia

Autor: Walter T. Álvares

O livro embasa o direito da energia como direito tecnológico e econômico, oferecendo uma noção pioneira de direito tecnológico e desdobra o sistema do Direito da Eletricidade, do Direito Atômico, do Direito da energia Minerária e direito da energia Hidráulica.

CUIDADO COM O MONSTRO



ACADÊMICO
jornal catarinense de cultura

CAIXA POSTAL 1124 - 89.100 - BLUMENAU - SC